A Desconstrução do *World Trade Center*

Uma data que viverá em uma corrente deslizante de significantes

Ken Wilber

Outubro de 2001

Tradução de Ari Raynsford
www.ariraynsford.com.br

Revisão de Darcy Brega

ÍNDICE

Introdução 1

Prólogo de *Boomerite*, o Romance 6

PARTE I: UM ESPECTRO DE CONSCIÊNCIA 8

Vermelho: ira e vingança 9

Azul: bem versus mal 10

Laranja: um ataque à civilização 12

Verde: uma transvalorização de valores 13

O Verde Sadio: agora mais do que nunca 18

Amarelo: Equilíbrio do Todo 20

PARTE II: POLÍTICA INTEGRAL 23

Por que os seres humanos sofrem? As respostas Conservadora e Liberal 23

Integral: a união de Conservadores e Liberais 32

PARTE III: AS ONDAS ESPIRITUAIS RESPONDEM 40

A Alma do Mundo 40

Rumo a uma resposta integral 43

Apêndice 48

INTRODUÇÃO

"A Desconstrução do *World Trade Center* – Uma data que viverá em uma corrente deslizante de significantes" é um adendo ao romance *Boomeritis* [1], que trata do ataque de 11 de setembro de 2001 ao *World Trade Center* e ao Pentágono. O romance será lançado em abril de 2002. Não era minha intenção liberar nenhuma parte antecipadamente; os recentes eventos convenceram-me do contrário.

Há um problema monumental em fazê-lo. Este adendo usa a trama e as personagens do romance. Assim, grande parte dele fará pouco sentido, a menos que se leia o livro inteiro em primeiro lugar; na verdade, serão tiradas várias conclusões erradas ao se ler somente este texto.

Assim mesmo, decidi liberá-lo pelos motivos expostos a seguir.

Primeiro, fui inundado por perguntas sobre o ataque – o que eu pensava dele, o que significava, qual seria a resposta adequada, tanto individual quanto coletivamente? Certamente, algo deveria ser dito, mas qualquer resposta que fizesse justiça à situação teria de ser longa e nuançada – o capítulo do romance que assim o faz tem cerca de oitenta páginas. Decidi que não havia razão para reescrever aquelas oitenta páginas.

Segundo, embora este pareça ser um adendo ao romance, realmente, não o é. Deixe-me explicar. O romance em si é igual a qualquer romance – cerca de trezentos e cinquenta páginas de ficção. Sem contar muita coisa, o romance é sobre um rapaz de vinte anos que está cursando Inteligência Artificial (IA) no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Ele se preocupa com a ideia – muito comum nos círculos de IA – de que, daqui a cerca de 30 anos, as máquinas atingirão a inteligência do nível humano. Assim, acredita firmemente que, ainda no âmbito da sua vida, terá condições de fazer um *download* completo de sua consciência para o mundo cibernético de Silício e dar um beijo de adeus nesse conturbado mundo carnal de Carbono.

Durante seu curso, chega à conclusão de que, se realmente deseja entender como será a evolução da consciência nesse futuro mundo de Silício, deveria estudar a evolução e o desenvolvimento da consciência no mundo de Carbono – isto é, em seres humanos – e, talvez, colher algumas sugestões. Isto o leva, finalmente, a um lugar chamado Centro Integral (CI) em Cambridge [2] (sim, obviamente tendo como modelo o Instituto Integral [3] – mas com várias distorções pós-modernas que constituem parte da brincadeira embutida no livro; porém, definitivamente, não posso contar quais são elas!).

À medida que aprofunda sua compreensão do desenvolvimento da consciência humana, ele vai se fascinando com a ideia de que a consciência de Silício também cresceria e evoluiria, abrangendo todo o espectro da consciência... talvez até atingindo o próprio Espírito [4]. E, assim, fica obcecado, completamente obcecado, pelo pensamento: quem seria o primeiro a descobrir Deus, em uma escala abrangente, Carbono ou Silício?

---

[1] O romance foi lançado no Brasil pela Editora Madras em 2005 com o título *Boomerite*. Boomerite é uma palavra criada por Wilber para designar a "doença" que ataca principalmente os *Boomers* (geração nascida nos EUA após a 2ª guerra mundial, quando ocorreu o *baby boom*). O conceito será explicado detalhadamente ao longo deste ensaio. (N.T.)

[2] Cidade do estado de Massachusetts, EUA, onde se localiza o MIT. (N.T.)

[3] Instituição criada por Ken Wilber nos EUA para fomentar o desenvolvimento de pesquisas à luz da Visão Integral. (N.T.)

[4] Wilber usa a palavra Espírito (com E maiúsculo) para designar a divindade transcendente e inefável: Deus no Cristianismo, Jeová no Judaísmo, Alá no Islamismo, Brahman no Hinduísmo e assim por diante. (N.T.)

É escusado dizer que não posso contar muito mais sem estragar toda a história. Mas posso adicionar mais uma coisa: o romance pretende ser uma crítica a *boomerite*, ou pluralismo infectado por narcisismo. E, portanto, este foi o principal requisito ao escrevê-lo: *o romance deve exemplificar tudo o que critica*, tornando-se uma paródia autoconsciente daquilo que exatamente está criticando – precisamente o que faz *boomerite*. Desse modo, o livro está sendo anunciado como "o grande romance pós-moderno" (é assim que alguns críticos estão se referindo a ele), porque, seguindo a boa prática pós-moderna, come sua própria cauda.

Obviamente, a crítica detalhada de *boomerite*, apresentada no romance, somente pode ser entendida lendo-o. Tudo o que posso adiantar é que é uma análise sustentável, séria e crítica de como *boomerite* infectou o pós-modernismo, quase todos os movimentos pluralistas, a espiritualidade *new age*, a reivindicação de novos paradigmas, a psicologia transpessoal, a astrologia atual, até mesmo abduções por OVNIs – e como tudo isso impacta um jovem de 20 anos que tem sérios problemas de relacionamento com os pais.

A dificuldade está em que, ao ler somente este adendo, sem ler as trezentos e cinquenta páginas de evidências cuidadosamente apresentadas, ter-se-á a impressão de que os personagens jorram diatribes emocionais nos *Boomers* [5] ou no meme [6] verde – o que, definitivamente, não é o caso. Mesmo assim, o punhado de críticos deste adendo fará exatamente o que fizeram os críticos de *Sex, Ecology, Spirituality* (SES) [7]: leram em SES a nota explicativa que criticava seu trabalho sem antes ler o livro e, após isso, ficaram tão aborrecidos que nunca conseguiram de fato ler o livro com a mente aberta; todas as discussões subsequentes com esses críticos nunca atingiram o status de um diálogo autêntico, pois, simplesmente, mantiveram-se no nível de culpa e acusações de memes de primeira camada [8]. Lamento, mas o mesmo acontecerá com este adendo.

Falando sobre notas explicativas, esqueci-me de esclarecer por que este adendo não é, na realidade, uma parte do romance. Ele é parte das notas explicativas do romance.

Notas explicativas para um romance? Isto não pode ser uma coisa boa, certo? Observe a queda das vendas por causa desta brilhante ideia.

Na verdade, não há notas explicativas numeradas no romance, ou algo que sugira que o romance tenha notas explicativas. Exceto por uma breve nota de rodapé no início do livro, que diz: "ao longo

---

[5] Vide nota 1. (N.T.)

[6] O termo "meme" foi apresentado pela primeira vez por Richard Dawkins. Ele e outros o usaram para descrever uma unidade de informação cultural tal como uma ideologia política, uma tendência da moda, um uso da linguagem, formas musicais, ou mesmo estilos arquitetônicos. Assim, o que genes bioquímicos representam para o DNA, memes representam para o nosso "DNA" psicocultural. O conceito de meme foi, posteriormente, expandido por Don Beck e Chris Cowan em seu livro *Spiral Dynamics* com a introdução de cores para designar cada meme, a saber: bege (arcaico), roxo (mágico), vermelho (mágico-mítico), azul (mítico), laranja (racional), verde (pluralista), amarelo (integrativo) e turquesa (holístico). Para melhor entendimento deste ensaio, é recomendável ler, primeiramente, o Apêndice que detalha as características dos diversos memes. (N.T.)

[7] Primeiro livro de uma trilogia denominada *Kosmos*, que Wilber pretende escrever contendo as ideias seminais de sua obra. SES, lançado nos EUA em 1995, apresenta seu Modelo Integral. A tradução desta obra-prima de Ken Wilber foi publicada no Brasil em 2018 com o título de *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*. (N.T.)

[8] Neste trabalho, Wilber considera como conhecidos conceitos fundamentais apresentados em outras obras tais como: meme, pensamento de primeira camada, pensamento de segunda camada etc. Para quem não está familiarizado com eles, sugere-se, primeiramente, a leitura do Apêndice. (N.T.)

do ano, colecionei volumosas notas, acadêmicas e não acadêmicas, sobre o estranho processo que começou a definir minha vida".

Escrevi cerca de cento e cinquenta páginas de notas explicativas. Depois, mais cerca de cento e cinquenta páginas de notas explicativas inseridas nas notas explicativas. Depois, mais oitenta páginas do texto sobre o WTC apresentado a seguir. Assim, é um romance com trezentos e cinquenta páginas e mais trezentos e oitenta páginas de notas explicativas. Que desgraça! Como disse um dos meus amigos: "Este é, sem sombra de dúvida, o Wilber." Estou certo de que não foi um grande elogio.

De qualquer modo, as notas explicativas continuam com os personagens fictícios do romance. Mas, é óbvio que esses personagens não são desenvolvidos nas notas. Elas devem ser consideradas o que realmente são – notas explicativas acadêmicas – e nada que se pareça com um romance literário (o que espero que o romance, em si, seja). Quando circulei pela primeira vez este adendo para comentários, diversas pessoas – que o leram sem ter lido o livro – responderam-me mais ou menos assim: "Adorei o conteúdo, mas você não é um romancista. Os personagens são insípidos e todos soam como você. Arranje um *ghost writer*."

Bem, em minha defesa, devo falar um pouco mais sobre o livro. Lembram-se de que mencionei que o romance, para obter sucesso na crítica a *boomerite*, teria de exemplificar tudo que fosse criticado? Em um ponto do romance, uma professora do CI está descrevendo *as sete mais importantes características do pós-modernismo* – o que realmente significa as sete características do pós-modernismo inoculadas com *boomerite*, como quase todo o pós-modernismo pluralista o foi. Desse modo, essas sete características são exatamente os sete itens que devem ser expostos no livro. A professora expressa isto assim:

> - Para começar, uma vez que o pós-modernismo é, basicamente, uma postura de crítica, o romance, para ser realmente pós-moderno, deveria criticar o pós-modernismo. Mas para fazê-lo, o romance teria de *exemplificar* tudo que fosse criticado. Este seria o verdadeiro truque: escrever um romance que englobasse tudo que atacasse.
>
> - Por exemplo, já que o pós-modernismo é infindavelmente e, muitas vezes, doentiamente autorreflexivo, crie um personagem com seu nome, faça o romance girar em torno de você de todas as maneiras possíveis e critique constantemente o narcisismo patético de tudo isso. Está bem?

Assim, o principal personagem, com vinte anos, é Ken Wilber. Não posso citar os outros seis itens do "romance pós-moderno perfeito" sob pena de estragar tudo, mas posso dar uma dica sobre o quinto item. A professora – seu nome é Lesa Powell, você a encontrará no adendo – está explicando que uma vez que o pós-modernismo está apaixonado por *flatland* [9] – nenhuma profundidade, somente superfícies – então os personagens do romance pós-moderno perfeito deveriam… bem, eis como Lesa expressa isto e como Kim e Ken (Wilber) – dois estudantes que assistem à aula – respondem:

---

[9] Em uma tradução literal: "terraplana". Wilber usa este termo, inspirado no romance *Flatland: A Romance of Many Dimensions* (1884) de Edwin A. Abbott, para ressaltar a tendência do cientificismo de somente considerar os aspectos exteriores – individual (comportamental) e coletivo (social) – da realidade, não considerando, e muitas vezes até negando, seus aspectos interiores – individual (intencional) e coletivo (cultural). *Flatland* é um conceito fundamental na obra de Wilber; por esta razão, resolvi mantê-lo no original, sem tentar criar um neologismo. (N.T.)

- O quinto item significa especificamente que todos os personagens teriam de ser planos e bidimensionais. Não unidimensionais, mas também não tridimensionais. Isto está em perfeita consonância com o credo pós-modernista de que não há profundidades, somente superfícies e, desse modo, as palavras "plano" e "bidimensional" devem aplicar-se a seus personagens. Personagens *flatland* para o perfeito romance *flatland*, está bem?
- Puxa, Kim, é exatamente como me sinto – plano e bidimensional.

- Eu também, Ken, eu também. É como se minha vida – *minha vida inteira* – estivesse contida no romance que Powell está descrevendo. É como se minha vida não fosse minha – como se não fosse nem mesmo a autora de minhas próprias ações, de meus próprios sentimentos, de meus próprios desejos. É como se a própria noção de autoria se evaporasse. Estou sendo descrita por algum tolo pós-moderno autorreflexivo e esta é a minha vida. Meu Deus, onde está o Prozac?

E assim, no romance, ainda que os personagens frequentemente ganhem vida, nunca chegam, realmente, a atingir a qualidade da boa literatura, embora sejam muito divertidos, espero. Os críticos naturalmente dirão: "Sim, mas ele não poderia ter escrito boa literatura ao invés de um grande romance pós-moderno, se é que o fez?" E a resposta é: "Nunca saberemos, não é mesmo?" Tudo o que posso dizer é que a característica bidimensional dos personagens é a mais intencional que pude criar.

Mas eis por que mencionei tudo isso. No início das notas explicativas – que não são encontradas no romance – Kim vira-se para Ken e diz:

- Estava pensando... Se um romance pós-moderno tivesse notas explicativas e…

- Que diabos, por que um romance teria notas explicativas? – interrompi.

- Não sei. Autor confuso, não consegue calar a boca, tem de considerar tudo. Deixe-me terminar. Se um romance pós-moderno tivesse notas explicativas e seus personagens fossem bidimensionais, isto não significa que as notas explicativas seriam unidimensionais?

- Acho que sim, não sei. Tudo que sei é que estou me sentindo evaporar, como se estivesse me consumindo, tornando-me pálido e anêmico, e…Kim?…Kim?…

Bem, você entendeu. Parte do romance é uma paródia autorreflexiva, uma crítica pós-moderna do pós-modernismo (ou melhor, pós-modernismo infectado por *boomerite*, o que quase todo ele é). A julgar pelo retorno que recebi até agora, penso que é por isto que a maioria das pessoas achou o livro muito divertido. Foi o que tentei fazer, torná-lo uma leitura muito, muito divertida.

Porém, é bastante sério nos pontos que ressalta, e isto também é óbvio no livro. Certamente, você poderá constatá-lo no texto sobre o WTC que virá a seguir. Embora, novamente, por favor, lembre-se de que ele não é um indicativo do estilo literário do romance, nem de nenhuma das técnicas narrativas (algumas das quais, acredito, bem originais), que fazem do livro uma experiência de leitura diferente.

E mais, nada neste adendo – ou nas outras notas explicativas que postarei nas próximas semanas – dá qualquer indicação do que realmente acontece no romance – nem do enredo, nem das

reviravoltas etc. Assim, embora, provavelmente, você não esteja capacitado a entender todos os pontos deste adendo sem primeiro ler o romance, lê-lo agora não atrapalhará em nada os pontos fundamentais do romance (se bem que o diálogo unidimensional possa deixá-lo maluco).

Para aqueles que desejam obter o máximo deste adendo, uns poucos itens técnicos devem ser compreendidos em primeiro lugar. Se você não os compreende, recomendo, pelo menos, a leitura do capítulo 1 de *A Theory of Everything* [10]. De preferência o livro inteiro, mas, no mínimo, o capítulo 1.

O que se faz a seguir é, basicamente, descrever o espectro de consciência completo – as doze principais faixas ou cores desse Grande Arco-íris – e, em seguida, sugerir as respostas típicas ao ataque terrorista que cada nível, faixa ou onda apresentaria.

Se isto for o que mais o interessa, há um longo texto intermediário sobre política integral que pode ser pulado. A Parte I apresenta as respostas de primeira camada e de segunda camada; a Parte II esboça uma política integral; a Parte III dá as repostas de terceira camada. Muitas pessoas estarão interessadas apenas nas Partes I e III; não há problema. Adicionei títulos às Partes para facilitar a localização.

Sinto-me um pouco desconfortável em liberar essas notas unidimensionais, antes do romance ter visto a luz do dia. Mas, com as bênçãos da *Shambhala* [11], apresento a seguir, em primeira mão, o Prólogo do romance. É bem curto e não expõe nenhuma das técnicas literárias que, espero, farão dele um alegre passeio pós-moderno, mas dão um sabor do estilo, que talvez possa contrabalançar o estilo das notas explicativas.

De qualquer modo, faço votos de que este seja o começo de uma experiência de leitura que abra novos caminhos para sua contínua jornada rumo a seus mais profundos tesouros.

Ken Wilber

17 de outubro de 2001

[10] *Uma Teoria de Tudo*, lançado no Brasil pela Editora Cultrix em 2003.

[11] Editora norte-americana da maior parte das obras de Ken Wilber. (N.T.)

PRÓLOGO DE *BOOMERITE*, O ROMANCE

Sou o filho bastardo de pais profundamente confusos; envergonho-me de um e o outro se envergonha de mim. Não estamos nos falando e todos agradecemos por isso (essas coisas incomodam de vez em quando). Meus pais estão intimamente unidos em seu desprazer pelo presente; ambos querem substituí-lo – rapidamente – por um conjunto de arranjos mais adequado às suas inclinações. Um deseja destruir; o outro, construir. Poder-se-ia pensar que tivessem sido feitos um para o outro, que seguiriam juntos, de mãos dadas, um casamento em um céu em transformação. Anos após o divórcio, nenhum de nós está tão confiante.

Um deles respira o fogo da insurreição revolucionária e quer destruir as forças opressivas de um passado cruel e indiferente, cavando por baixo do verniz de uma loucura civilizada para encontrar, com esperança fervorosa, a bondade humana original, há muito enterrada pelas brutalidades de um mundo moderno, endurecido por iniquidades. O outro, sonhadoramente, olha para a direção contrária, ficando na ponta dos pés e esforçando-se para ver a face brumosa do futuro, uma próxima transformação do mundo – disseram-me que talvez seja a maior de toda a história – e começa a desfalecer com o êxtase de coisas maravilhosas prestes a desdobrarem-se diante de nós; ela é uma pessoa gentil e vê o mundo assim. Mas eu fui amaldiçoado com um olho de cada um e mal posso ver o mundo através de duas órbitas que se recusam a cooperar; vesgo, olho para tudo, um universo de Picasso onde as coisas não se encaixam. Ou talvez, exatamente por isto, veja mais claramente?

Algo parece certo: sou um filho desses tempos e eles apontam para duas direções totalmente incompatíveis. Por um lado, ouvimos constantemente que o mundo está fragmentado, dilacerado e torturado, à beira de um colapso, com imensos blocos de civilização massificados tentando afastar-se uns dos outros, com intenções crescentemente alienadoras, de tal modo que guerras internacionais de culturas são a maior ameaça para o futuro. A tecnologia da era cibernética está evoluindo tão rapidamente que, diz-se, dentro de trinta anos teremos máquinas atingindo a inteligência de nível humano, ao mesmo tempo em que avanços em engenharia genética, nanotecnologia e robótica significarão o possível fim de toda a humanidade: seremos substituídos por máquinas ou destruídos por uma peste branca – e que tipo de futuro é esse para uma criança? Em nosso país, a cada dia, a cada hora, a cada minuto, defrontamo-nos com exemplos de uma sociedade que está se esfacelando: uma taxa nacional de analfabetismo que cresceu assustadoramente de 5% em 1960 para 30% hoje; 51% das crianças em Nova York são filhos ilegítimos; milícias armadas espalham-se por Montana tal como *bunkers* nazistas sobre as praias da Normandia, preparadas para a invasão; uma série de guerras de culturas, guerras de gêneros, guerras de ideologias, na academia, que se comparam em malignidade, se não em forma, à agressão multicultural no cenário internacional. O globo ocular de meu pai, na minha cabeça, vê um mundo de fragmentação pluralista, pronto a desintegrar-se, deixando, na sua esteira turbulenta, uma massa desfigurada de sofrimento humano sem precedentes na história.

O olho de minha mãe vê um mundo totalmente diferente, embora tão real quanto o primeiro: estamos nos transformando, paulatinamente, em uma família global e o amor, em todas as suas manifestações, parece ser a força propulsora. Veja a história da raça humana: de tribos e bandos isolados a grandes cidades agrícolas, a cidades-estados, a gloriosos impérios feudais, a estados internacionais, à aldeia global. E agora, às vésperas do milênio, estamos em face de uma estonteante transformação nunca antes vista pela humanidade, na qual o vínculo humano, tão intenso e tão profundo, descobrirá Eros pulsando gloriosamente nas veias de cada um e de todos, sinalizando a alvorada de uma consciência global que transfigurará o mundo como o conhecemos. Ela é uma pessoa doce e vê o mundo assim.

Não compartilho nenhuma das duas visões; ou melhor, compartilho ambas, o que me torna quase insano. Claramente, forças gêmeas, embora não só, estão devorando o mundo em uma escala colossal: globalização e desintegração, amor unificador e desejos corrosivos de morte, delicadeza que aproxima e crueldade que afasta. E o filho bastardo, esquizofrênico, propenso a ataques, vê o mundo através de um vidro trincado, movendo vagarosamente sua cabeça para frente e para trás, esperando que se formem imagens coerentes, imaginando o que significa tudo isso.

À medida que os fragmentos tipo Picasso juntam-se em algo similar à arte pós-moderna, imagens espontâneas começam a congelar-se: realmente, talvez haja forças integradoras, fundidoras, unificadoras, em ação no mundo, um amor de gentil persuasão do Deus ou da Deusa aumentando, lenta, mas inexoravelmente, o entendimento, o cuidado e a compaixão humanos. E, provavelmente, também haja correntes viciosas dedicadas a romper tal abraço integral. E, talvez, elas estejam realmente em guerra, uma guerra que não terminará até que uma das duas morra – um mundo unido ou um mundo destruído: de um lado o amor, ou do outro, o sangue sobre o tapete novo em folha.

Durante todo aquele ano, o que realmente despertou minha atenção foi o marco de três décadas para o destino do Armagedon, aproximando-se do futuro, rapidamente, em minha direção: em trinta anos (trinta anos!), máquinas atingirão inteligência de nível humano e irão além. E os seres humanos, quase com certeza, serão substituídos por máquinas – no final, elas nos suplantarão. Ou, mais provavelmente, nós – seres humanos, ou mentes, ou consciências, ou o que quer que seja – faremos um *download* para computadores, transferiremos nossa alma para essas novas máquinas – e que tipo de futuro é esse para uma criança?

Aquele foi o ano em que ocorreu o fato que alterou, irrevogavelmente, meu destino; um ano na vida de uma máquina humana que, miraculosamente, recobrou a consciência. Foi um ano de ideias que atormentaram minha cabeça, fizeram com que meu cérebro inchasse e ficasse dolorido, parecendo literalmente expandir-se e ir de encontro a meu crânio, latejando minhas têmporas, rompendo-se no mundo. Daquele ano, não me recordo de quase nenhum local geográfico. Lembro-me de poucas paisagens, poucos lugares reais, muito pouco do exterior, apenas um fluxo de diálogos e visões ardentes que destruíram minha vida como a conhecia, substituíram-na por algo que a humanidade nunca reconheceria, tornaram-me imortal, manchas por todo o corpo, sorrindo para o céu.

PARTE I: UM ESPECTRO DE CONSCIÊNCIA [12]

Duas semanas após o despertar no Clube Passim, terroristas ligados a Osama bin Laden sequestraram quatro aviões comerciais americanos e os lançaram, de maneira suicida, sobre o *World Trade Center* e o Pentágono, matando milhares de pessoas e chocando o mundo. Por causa da moderna capacidade de comunicação global e da alarmante gravidade do ato, *nunca na história* um acontecimento despertou uma consciência coletiva mundial de tal magnitude. De Manhattan a Moçambique, da Indonésia a Istambul, de Lisboa ao Líbano, do Quênia a Kiev, cerca de quatro bilhões de pessoas se uniram, se não em suas opiniões sobre o ato, pelo menos em completo assombro. "Inacreditável, inacreditável, inacreditável!" balbuciou um aturdido Yasser Arafat, falando pelo mundo.

Por misteriosos caminhos que não consigo explicar, encontrei-me, instantaneamente, na presença de meus professores do Centro Integral (CI), enquanto jantavam, vários dias após o evento. Mark, Charles, Lesa, Carla, Derek, Margaret e a querida Joan.

Eu acabara de completar vinte e um anos; as repercussões dos estranhos acontecimentos no Clube Passim ainda ecoavam em uma alma estilhaçada que nem sequer conseguia lembrar o próprio nome; as datas e fatos da realidade diária também escapavam à minha consciência, como se tempo e espaço perdessem densidade e tendessem a evaporar, se eu não prestasse cuidadosa atenção. E assim mesmo, inexplicavelmente, aqui me encontrava, com pessoas que velaram a minha morte e, miraculosamente, ressuscitaram-me para uma vida que ia além da vida e da morte. Este vinte-e-alguma-coisa devia a esses cinquenta-e-alguma-coisa muito mais do que se possa imaginar; palavras significativas fugiam do meu controle e flutuavam no vazio cósmico, lar de uma escuridão que se mostraria como um chamado à revelação.

"Um momento de silêncio, se pudermos," disse Charles Morin. O ambiente estava tranquilo, com uma completude que não era deste mundo.

"Naturalmente, a pergunta vem à baila: o Centro Integral deve fazer algum tipo de declaração a respeito desta revoltante tragédia?", Morin finalmente perguntou após alguns minutos de infinita quietude. "Devo dizer que tenho duas posições sobre o assunto. Por um lado, a resposta parece-me simples: foi uma demonstração de maldade. Por outro, como vocês todos sabem, é muito, mas muito mais complexo do que isso. Assim, embora uma declaração pareça obrigatória, estou hesitante em dá-la."

"Surpreendeu-me", respondeu Margaret Carlton, "como o mundo – praticamente o mundo inteiro – respondeu a essa tragédia. Devo dizer que foi muito, muito tocante. Primeiro, obviamente, suas preces estão sendo endereçadas aos mortos e seu coração chora pelas famílias e amigos. Ah! A saudade, a inexprimível saudade!" A transparente, frágil Margaret Carlton de porcelana, naquele momento, lembrava uma daquelas imagens da Virgem Maria, ou talvez, de Kwan Yin. Lesa fitou-a com uma ternura que palavras – pelo menos minhas palavras – não podem exprimir.

"Mas tendo a concordar com Charles", ela continuou. "A situação real é tão complexa que uma simples declaração seria supérflua. Muitas declarações que tenho visto" – a determinação de

[12] Antes de ler este texto, por favor, leia a Introdução apresentada anteriormente, ou muito do que se segue não fará sentido. Obrigado. (K.W.)

Carlton substituiu certa delicadeza – "são, podemos dizer, sentimentos de um meme [13] específico. É difícil saber como prosseguir sem ofender ninguém."

"Sim, isto é parte da dificuldade", falou Derek Van Cleef, e já se podia sentir sua intensa impaciência com a situação. Van Cleef era como o bobo da corte: sempre via a sombra, mas a exprimia através de sua própria raiva. "O povo deste país, que reagiu com tanta emoção a esse acontecimento, não está, realmente, preocupado com a perda de vidas humanas, ou mesmo a morte de americanos. Afinal, 50.000 americanos morrem anualmente em acidentes de trânsito e não vejo nenhuma dessas pessoas parada nas esquinas com cartazes dizendo 'Suspendam a Matança!'. Ou pior, o mesmo número de pessoas – 50.000 delas, a maioria crianças – *morre diariamente* de fome em todo o mundo, e onde estão os chorosos protestantes? Eles não estão preocupados com vidas humanas; não, estão reagindo porque seu conjunto particular de valores foi atacado, profundamente ameaçado, e suas respostas dependem do sistema de valores a que estão mais apegados: vermelhos veem uma coisa, azuis, outra, laranjas, outra, verdes, ainda outra. [14] Mas quando aqueles aviões chocaram-se contra o WTC, eles, na verdade, estavam indo de encontro aos diferentes conjuntos de crenças e valores: os terroristas não ameaçaram somente vidas humanas, mas os valores do meme com que cada um mais se identifica."

"Bem, Derek, esta é uma exposição muito fria – e quem poderia supor que seria sua?", ironizou Jefferson. Todo mundo riu, mais ou menos afetuosamente, da natural falta de... calor de Van Cleef; eu ia dizer 'nobreza'.

"Mas, em tese, concordo com você", continuou Jefferson. "Assim, por que não elabora um pouco mais? Por que não discorre rapidamente como cada nível de consciência, ou cada meme, responderia, em geral, ao ataque terrorista?"

Vermelho: ira e vingança

Van Cleef colocou seu garfo no prato e falou decididamente. "Está bem. Por agora, simplesmente resumirei os diferentes tipos de *respostas* ao ataque – NÃO falarei sobre as várias *causas* do ataque, como definir responsabilidades, e assim por diante. Sem concluir que qualquer dessas respostas esteja certa ou errada, o ponto é que cada meme, estágio ou onda de consciência reage de forma muito diferente quando atacado."

"Comecemos pelo Vermelho, o mais fácil de entender. Eis aqui um diálogo simulado", Van Cleef começou a rir.

Repórter: Senhor Vermelho, estou curioso para saber o que o senhor pensa sobre o ataque terrorista ao *World Trade Center* e ao Pentágono.

Vermelho: Saia do meu caminho, seu chato; vou comer alguma coisa. Deixe-me em paz.

Repórter: Não vai demorar muito.

Vermelho: Hum... Desembuche.

Repórter: A respeito do ataque. Sobre o *World Trade Center*.

---

[13] Vide nota 8 da Introdução e o Apêndice. (N.T.)

[14] Sobre o significado dos níveis e suas respectivas cores, vide o Apêndice. (N.T.)

Vermelho: Mate-os, eu diria.

Repórter: Matá-los? Importa-se em explicar um pouco melhor, senhor?

Vermelho: Sim. Mate-os bastante.

Repórter: Matá-los bastante? Certo, certo. Diga-me, em sua opinião, por que eles o fizeram? Os terroristas.

Vermelho: Hum, o quê?

Repórter: Qual a razão para terem atacado?

Vermelho: Punheteiros desgraçados, escória de comunistas. Mate-os cruelmente. Se mexerem conosco, arrancaremos suas malditas cabeças e as exibiremos em estacas; isso é o que vamos fazer. Agora, deixe-me comer.

Repórter: Na verdade, senhor, eles são fanáticos religiosos e não comunistas. Com certeza, o senhor sabia disso?

Vermelho (segura o repórter pelo colarinho e o levanta do chão): O que é isso? Talvez eu devesse colocar sua cabeça em um torno e apertá-la até que seus olhos pulassem das órbitas. O que o senhor diz sobre isso, seu repórter espertinho?

Repórter: Escória de comunistas, mate-os cruelmente, eu concordo.

Todos sorriam para Van Cleef. "É claro que estou exagerando. O fato é que o Vermelho sadio é o motor de muitas mudanças. É o derrubador de obstáculos por excelência; recusa fronteiras, destrói barreiras. O Vermelho é um servo fantástico, mas um senhor terrível. Uma coisa é ter o Vermelho a seu serviço, outra coisa é ter *somente* o Vermelho como seu centro de gravidade. Ainda outra coisa é ter o Vermelho enrustido sob a roupa – como, por exemplo, faz *boomerite* – dirigindo seu carro sem você saber, desconstruindo qualquer fronteira convencional que esteja à vista, sequestrando sua filosofia para apoiar seus modos egocêntricos."

"Mas, resumindo, a resposta vermelha básica é *ira* e *vingança*. O ataque terrorista é visto, consciente ou inconscientemente, como um ataque – NÃO à humanidade, não à civilização, não ao meu país ou a Deus, mas um ataque a MIM – e eu responderei esmigalhando seu crânio. Mais ou menos isso." Van Cleef continuava a rir, agora aparentando um bom humor genuíno.

Azul: bem versus mal

"Quando vamos para o Azul, uma estrutura cognitiva mais complexa começa a apresentar razões ponderadas para suas ações; mas, incapaz de avaliar as nuanças de múltiplas perspectivas, define absolutos autoritários e dogmáticos: tenho o bem do meu lado e, portanto, o ataque é um exemplo do mal, pura e simplesmente. De modo geral, essa onda afirma que nós, americanos, somos bons, decentes, amantes da liberdade, tementes a Deus, amantes da justiça e que os terroristas são fundamentalmente satânicos, demoníacos, desumanos, maléficos. Nós estamos certos e eles, errados, ponto final. Este é um exemplo simples do bem contra o mal. Assim sendo, você está conosco ou está contra nós na cruzada para livrar o mundo da escuridão. Devemos nos manter coesos nesse único caminho verdadeiro, pois unidos venceremos, divididos seremos derrotados; unidos em nossa crença de que a América é o maior país do mundo e nós somos filhos de Deus e, portanto, caçaremos os responsáveis e os mataremos, opa, quero dizer, aplicaremos a justiça." Van Cleef levantou os olhos e sorriu gentilmente. "Isto encerra a leitura do dia das Escrituras." Ele

piscou os olhos, mas ainda de um modo calmo e delicado. “Bem, vocês entenderam o que quis dizer. As respostas comuns do meme azul incluem aquelas de William Bennett, de Billy Graham, da maioria dos líderes religiosos exotéricos, aqui e no exterior, e de muitos conservadores e republicanos. O Papa deu uma entrevista sem precedentes, dizendo aos americanos que ‘o mal não terá a última palavra’. Puxa – vocês veem? – ele está do nosso lado, não do deles!”

Hazelton demonstrou leve irritação – ela sempre discutia com Van Cleef – e falou. “Tudo que você falou é verdade, Derek, mas devo dizer-lhes, queridos amigos, como fiquei surpresa ao sentir uma boa quantidade de azul ecoando em mim.” Joan sorriu gentilmente. “Senti-me sufocada ao observar como os americanos amam os americanos. Depois, fiquei *realmente* emocionada ao ler as condolências do mundo inteiro. Uma semana antes, a América era somente o Bandido para o resto o mundo: éramos a McCultura, arruinando os valores locais, ou o Grande Satã, ou ainda o insípido Capitalismo Global destruindo a liberdade em toda parte – éramos considerados racistas, imperialistas, porcos dominadores.” Ela começou a rir. “Não estou dizendo que não haja alguma verdade nessas acusações, mas sim que, daqui por diante, será impossível pensar que a América é simplesmente, meramente, apenas O Bandido. Pelo amor de Deus, Yasser Arafat doou seu próprio sangue para demonstrar ‘solidariedade pela América’. O representante europeu Romano Prodi declarou: ‘Nas horas mais escuras da história europeia, a América esteve ao nosso lado. Hoje, estamos ao lado da América.’.”

Subitamente, irromperam lágrimas nos olhos de Joan. Ela sorriu e as secou. “Percebem o que quero dizer? E isto continua. A França, que nunca morreu de amores por nós, destacou pilotos franceses em jatos Mirage, pronta para apoiar-nos; o Primeiro-Ministro francês disse: ‘À luz dos acontecimentos, sentimo-nos órfãos’ – isto é, até a França se sente órfã sem a América. A Rússia colocou sua rede de inteligência à nossa disposição. A Inglaterra teve um dia de luto com o povo cantando o hino americano; lírios brancos foram amarrados na cerca da Embaixada Americana em Grosvenor Square. Vocês souberam que a Rainha – a Rainha, pelo amor de Deus – Sra. Mornidão – pela primeira vez na história cantou o hino nacional de outro país em público, e com os olhos marejados de lágrimas?! Em Kiev, o povo depositou flores na porta da nossa embaixada; uma mensagem dizia: ‘Não ao terrorismo em nome de toda Kiev’. As bandeiras foram postas a meio-pau em países do mundo inteiro. Um editorial canadense, escrito há vários anos, foi desenterrado, atualizado e posto em grande circulação: ‘Este canadense pensa que chegou o momento de falar pelos americanos como o mais generoso e, possivelmente, menos apreciado povo de toda a Terra. Posso enumerar 5.000 vezes em que os americanos correram para ajudar outros povos em dificuldade. Vocês podem citar-me uma única vez em que alguém correu para ajudar americanos em dificuldade? Nossos vizinhos americanos enfrentaram os problemas sozinhos e eu sou um canadense que estou cansado de vê-los escorraçados. Mantenha-se orgulhosa, América!’.” Ela levantou os olhos, ainda marejados de lágrimas. “Pergunto, isto não emociona vocês?”

“É claro, querida, é claro,” respondeu Lesa. Cabeças moveram-se em concordância. Olhei para Van Cleef, cuja expressão, por outro lado, parecia dizer: ‘Oh, engula isso, sua piegas’, mas, provavelmente, foi só minha imaginação.

“Olhe”, Van Cleef finalmente falou, “a grande questão é que, se você for suficientemente feliz em ter algum tipo de conscientização de segunda camada – para não dizer de terceira camada [15] – você pode e deve entrar em ressonância com *todos* esses acordes, inclusive o azul. A pergunta é: você se identifica exclusivamente com um único meme de primeira camada e sua respectiva resposta, ou você amplia o espectro? E Joan, eu sei, você é turquesa até os ossos. Lesa acha que você é coral, ou talvez alguma outra cor que ainda não inventamos.”

[15] Para conceituação de pensamentos de primeira, segunda e terceira camadas, vide o Apêndice. (N.T.)

“Bem, estes ossos estão meio azuis por agora!” Ela riu.

“Então, Derek, por que não continua pelo seu passeio memético?”

“Certo, certo. Bem, o Azul, o querido Azul na bandeira vermelha-branca-azul, é o vínculo etnocêntrico e não há nada de errado nisso. É maravilhoso na medida em que for somente um acorde em uma sinfonia de espectro total, certo?”

Laranja: um ataque à civilização

“Assim, vamos ver rapidamente o Laranja, ou o que poderíamos chamar de resposta de Ayn Rand[16]: esta onda de consciência vê o atentado não como um ataque a um povo, nação ou divindade específicos – todos esses etnocêntricos –, mas sim como um ataque globocêntrico à liberdade e à justiça. Sem mencionar um ataque ao capitalismo de livre mercado, a principal força positiva do mundo de hoje! O Laranja se apressaria em afirmar que os terroristas não atacaram um templo ou mesmo o Congresso: eles escolheram a região de *Wall Street* e o *World Trade Center*. Em outras palavras, isto seria visto pelo Laranja, não como um simples ataque à América, mas como um ataque à própria civilização, independentemente de países ou divindades em particular.”

“Observem que, devido a um novo crescimento da complexidade e sofisticação cognitivas, a resposta laranja foi do etnocêntrico (nível mítico-associativo) para o globocêntrico (nível formal-universal); por isso, ela não mais apela para um povo, nação, raça, grupo ou cultura específicos. Ao contrário, é pós-convencional nesse sentido: o ataque é visto como uma ameaça aos valores que as pessoas do mundo inteiro podem adotar, independentemente de religião, raça, sexo ou crença. Nem todos podem ser americanos, mas todos podem ganhar dinheiro, ser capitalistas, aspirar a um tipo de independência, valorizar um tipo de liberdade – e, portanto, esse foi um ataque, não à América, mas à civilização. Novamente, não estou afirmando que isto esteja certo ou errado; simplesmente, estou descrevendo alguns modos gerais como o ataque terrorista foi visto por diferentes ondas de consciência.”

“David Kelley, diretor executivo do *Objectivist Center* nos dá uma resposta clássica e muito letrada do meme laranja. ‘Por rara unanimidade, os americanos compreenderam que esse foi um ataque a seus valores; e foi. Mas os valores não são unicamente americanos, ou mesmo, unicamente ocidentais. Eles são os valores da vida civilizada em qualquer parte. Como tal, foi um ataque à civilização.’ Mas o que Kelley quer dizer com ‘valores civilizados’ significa basicamente valores do meme laranja, uma vez que ele dá os seguintes exemplos: individualismo; liberdade e direitos individuais; capitalismo como um sistema de negócios, produção, inovação e progresso; secularismo; mercado livre; comércio mundial. Obviamente, estes não são valores vermelhos, nem azuis, nem verdes, nem turquesa: são valores laranja. Portanto, um ataque ao WTC foi um ataque a esses valores, que Kelly identifica com a civilização *per se*. Ele, então, conclui com um ardoroso apelo: ‘Não estamos tratando com pessoas civilizadas. Devemos declarar guerra aos terroristas e usar qualquer tipo de força que se faça necessária para torná-los incapazes de nos impor novas ameaças. Conclamamos o Presidente Bush e o Congresso a assumir uma campanha similar contra quaisquer redes de terroristas que se declarem, pelas mortes e destruição que tenham infligido, inimigos da humanidade. Ao fazê-lo, estaremos agindo em nossa própria defesa com a autoridade moral de quem foi atacado. Mas devemos entender, e declarar ao mundo, que estamos agindo para preservar a ordem mundial, da qual dependem os valores civilizados, e que os povos civilizados do mundo inteiro devem unir-se a nós nesta causa.’.”

[16] Ayn Rand (1905-1982), escritora e filósofa norte-americana de origem judaico-russa, preconiza o individualismo, o egoísmo racional e o capitalismo. Um de seus mais famosos livros é *A Revolta de Atlas*. (N.T.)

“Vocês sabem o que mais amo em Deus?” Margaret Carlton interrompeu abruptamente a narrativa de Derek, depois olhou para cada um com um sorriso sonhador, sugerindo que estava… noutro lugar.

“O quê?”, perguntou Lesa.

“O Espírito manifesta-se neste extraordinário espectro de consciência, certo? A maravilhosa espiral de desenvolvimento, abrangendo cada amplitude, cor, faixa e comprimento de onda concebíveis, espalhando-se por todo o caminho, do pó à Divindade. E cada cor única tem seu lugar, não? Cada meme, cada onda, cada volta, cada viravolta, cada guinada – todos têm algo importante a dizer, não têm? Não têm?”

Todos concordaram, aparentemente sem saber a que isso os levaria, mas tocados pela frágil graça e gratidão de Carlton. “Isto é tudo. Simplesmente queria dizer isto. Sei que o Azul, o Laranja, o Verde e todos os outros podem ficar realmente doentes, realmente esquisitos, realmente estúpidos, mas em suas formas saudáveis são parte deste belo, belo, belo espectro de consciência, não são? Não são?”

“Você é linda, querida,” respondeu Lesa, apertando sua mão.

“Certo, certo, muito legal, Margaret,” cortou Van Cleef. “Alguém mais quer ponderar sobre as maravilhas de Deus? Não? Está bem.” E sorriu um genuíno sorriso ‘eu só estou brincando’.

Carla Fuentes olhou para ele. “Derek, você é o homem mais doce do mundo, pelo menos para… bem, pelo menos para *você mesmo*.”

Verde: uma transvalorização de valores

“Muito engraçado, Carla, muito engraçado. Observe-me rindo. Ha, ha, ha. Muito bem, vamos em frente… Onde eu estava mesmo? Vermelho, Azul, Laranja, oh sim…”

“A resposta do Verde é a mais difícil de classificar porque é, de longe, a mais conflitante. Por um lado, a maioria das atitudes do meme verde em todo o mundo, *neste momento*, está infectada pelo Meme Verde Mau e por *boomerite*; isto complica seriamente a questão, porque dificulta a localização do Verde sadio e dos tipos maravilhosos de gentilezas que sempre traz consigo. A maioria dos Verdes – e certamente o MVM (Meme Verde Mau) em seu disfarce pós-moderno – quer culpar a América, virtualmente, por todos os problemas do Terceiro Mundo, e, frequentemente, por todos os problemas do mundo, ponto.”

“Mais ainda, nas últimas décadas, os vários grupos, facções, insurgentes e mesmo terroristas do Terceiro Mundo *adotaram o jargão pós-modernista* proveniente das universidades americanas para justificar suas ações. O pluralismo verde afirma em suas formas radicais – e mais comuns – que, culturalmente, não há bom ou mau, melhor ou pior: não existem padrões universais que permitam julgar uma cultura como sendo melhor ou pior do que outra. Na realidade, não podemos dizer nada sobre o Outro que esse Outro não dissesse de si mesmo. Ponto. Tentar falar sobre o Outro em termos diferentes dos do Outro é cometer um terrível crime conhecido como ‘metanarrativa’. Portanto, todos os valores culturais são essencialmente iguais – isto é chamado de “pluralidade irredutível de objetivos’ – e a única resposta em face do Outro é de pura igualdade.”

“Até que o Outro bombardeie seu maldito país da maneira mais abominável que se possa imaginar.” Van Cleef olhou para todos os presentes, a severidade marcando sua face. “Normalmente, isso leva

o Verde a um paroxismo interno e a um doloroso espasmo de valores. Com certeza, o Verde acha que este ataque brutal foi, bem, muito *ruim*, mas não se esperava nenhuma maldade. E, de repente, a cultura ocidental é maldosamente atacada por algo que se suspeita ser MAU. Mas só deveria existir 'uma pluralidade de objetivos autênticos', nenhum deles inerentemente superior (exceto todos que são não ocidentais, uma vez que são superiores de todas as maneiras – exceto que o pluralismo e multiculturalismo pós-modernos surgem *somente* na cultura ocidental – epa; assim, talvez possa dizer que o pluralismo pós-moderno está simplesmente restabelecendo a harmonia primal presente em todas as tribos pré-modernas – exceto que uma tribo pré-moderna acabou de desconstruir o *World Trade Center* e isso não pode ser bom, pode? – exceto que obtive minha estabilidade acadêmica por escrever dois livros e quinze artigos sobre o Crime do Iluminismo e sua imposição hegemônica, patriarcal, capitalista, colonialista, imperialista sobre os povos paradisíacos, não dissociados, amantes da liberdade do mundo pré-moderno, assim não fica bem mudar publicamente de opinião, não é? – exceto que…)."

"Bem, vocês entenderam o que quero dizer. Estou sendo irreverente, e não deveria, porque esta é uma tensão interna realmente angustiante para muitos verdes. Nietzsche costumava referir-se a uma 'transvalorização de valores', na qual algo que parece ser mau passa a ser visto como bom e algo que parece ser bom passa a ser visto como mau. Bem, quando aqueles aviões chocaram-se contra o WTC, muitos Verdes sofreram uma excruciante transvalorização de valores: a civilização ocidental passou a ser considerada vítima e os valores não ocidentais, e mesmo a mentalidade tribal – que se supunha abraçar tudo que é bom, do selvagem nobre ao Outro da civilização reprimida – foram subitamente considerados maus. Isto é chamado Excedrin – dor de cabeça nº 7."

Sorrindo, Jefferson complementou, "Sim, em tese acho que você está certo. E está completamente certo sobre as *justificativas acadêmicas* para atos terroristas, isto é, pela 'resistência radical às estruturas de poder das civilizações repressoras': nas últimas três décadas, a insurgência e o 'terrorismo desconstrutivo' do mundo inteiro adotaram o jargão pós-moderno das universidades americanas a fim de justificar suas ações. Anteriormente, eles usavam o jargão marxista, ou o jargão anticapitalista, ou um distorcido jargão religioso – algumas vezes, ainda os usam. Mas os mais eloquentes – os Michel de Certeaus, os Edward Saids e os Slavoj Zizeks deste mundo – apoiam-se fortemente, agora, na linguagem do pós-estruturalismo pós-moderno, a linguagem do relativismo pluralista, isto é, a linguagem de *boomerite*."

"Isto é muito parecido com os protestos dos estudantes de Berkeley dos anos 60, sobre os quais Carla nos falou em suas aulas, quando um conjunto de verdadeiros ideais pós-convencionais foi sequestrado por um bando de egocêntricos terroristas pré-convencionais, com o intuito de desconstruir agressivamente tudo que fosse convencional. É a falácia pré-pós em uma escala mundial – sim, é *boomerite* até os ossos."

Jefferson olhou em torno da mesa. "Eis aqui a triste verdade do nosso tempo: *boomerite tornou-se a linguagem do terrorismo.*" Ele parou e balançou a cabeça. "Adicione essa linguagem àquela do *fanatismo religioso* e você obterá uma mistura explosiva que nunca houve em toda a história."

"Isto é particularmente doloroso para mim como afro-americano. Todos conhecemos a gênese do pluralismo pós-moderno – suas muitas qualidades, suas muitas fraquezas. Porém, quando o meme verde, o relativismo pluralista, o pós-estruturalismo pós-moderno – chamem do que quiserem – mudou-se para a academia e começou a dominar as ciências humanas, foi apenas uma questão de tempo antes que esses "radicais com estabilidade" – algumas vezes inocente e inadvertidamente, outras vezes aberta e intencionalmente – começassem a forjar a linguagem que seria usada para justificar a 'insurreição' terrorista, a 'resistência radical ao poder' e a 'desestabilização

desconstrutivista' em toda parte. Quando a *justificativa acadêmica* para esses atos – uma justificativa proveniente do meme verde (e de *boomerite*) na América – foi combinada com os verdadeiros terroristas do meme vermelho, o resultado foi uma atmosfera na qual a elite da cultura ocidental não pôde condenar decisivamente qualquer tipo de insurreição desconstrutivista, uma abertura ideológica aproveitada pelos insurretos e terroristas, que sempre igualaram a chamada 'sensibilidade' à fraqueza. Tudo que eles precisavam em suas próprias mentes para explodir o barril de pólvora era uma razão igualmente enganosa para atacar e desconstruir, que foi fornecida por um meme azul distorcido: no caso, o fanatismo religioso."

"Há aqui também uma ligação estrutural psicossocial," continuou Jefferson. Kim disse que o QI de Jefferson é 160; parece que essa é a velocidade do seu intelecto correndo na estrada. Sempre fiquei tonto observando sua pele de ébano que abriga aquele cérebro trafegando por essa estrada em uma velocidade enervante. Gostaria que Kim estivesse presente para explicar tudo para mim.

"Psicologicamente, *boomerite* é o meme verde infectado por uma reativação do narcisismo vermelho. Assim, tendências inerentemente subjetivas do Verde – Graves [17] algumas vezes refere-se a ele como 'relativista, pluralista, subjetivista', simplesmente porque suas justificativas para a verdade são basicamente subjetivas, relativas, múltiplas, em outras palavras, pós-modernas –, de qualquer modo, as tendências subjetivistas do Verde tornam-se um ímã, um lar, um porto seguro para uma reativação dos impulsos narcísicos, egocêntricos, vermelhos. O pluralismo transforma-se em um supermagneto para o narcisismo – e essa combinação de Verde altamente desenvolvido com Vermelho muito pouco desenvolvido é a mistura explosiva conhecida como *boomerite*, porque, na minha própria mente, ideais verdes tornam-se o porta-voz do terrorismo vermelho."

"Sob essas circunstâncias, os ideais verdes de contextualismo, construtivismo e pluralismo – que no que têm de melhor insistem que todas as perspectivas sejam tratadas com justiça e imparcialidade, sem a marginalização de nenhuma – rapidamente degeneraram para um pluralismo rançoso, até mesmo patológico: todas as visões devem ser tratadas com justiça, não porque mereçam um tratamento justo, mas porque *nenhuma visão é melhor do que outra, ponto*. O narcisismo e sua eterna pretensão de que 'ninguém vai me dizer o que fazer' finalmente encontra um porto feliz na *flatland* [18] pluralista pós-moderna. Uma vez que nenhuma visão é melhor ou pior do que outras, minhas inclinações narcísicas podem transitar livremente aqui, neste porto seguro suprido pelo pluralismo patológico. *Na minha cabeça*, o Verde foi sequestrado pelo Vermelho terrorista. Na minha cabeça, ideais pós-convencionais transformaram-se em jargões de impulsos pré-convencionais. Na minha cabeça, o *World Trade Center* dos meus mais elevados ideais foi desconstruído por minhas mais baixas e selvagens inclinações."

"Este é o pós-modernismo *boomerítico* – um caso secreto de amor entre o Verde e o Vermelho – que se desenvolveu de uma maneira específica no estágio histórico atual do mundo: acadêmicos verdes pós-modernos, reativando e nutrindo inflamados impulsos vermelhos pré-modernos em suas mentes, apaixonaram-se por todas as culturas pré-modernas: no passado – os grandes Paraísos do Éden terrivelmente contaminados pela opressão patriarcal ocidental – e no presente, por todos os Outros fora do Iluminismo, lutando para libertar-se do cobertor repressor da civilização. Grande parte da série de seminários que concluímos recentemente foi devotada a uma análise minuciosa deste tópico. Obviamente, não estou afirmando que o Iluminismo não tivesse seus graves problemas. Estou dizendo que os acadêmicos verdes estavam predispostos a elogiar as culturas

[17] Clare Graves (1914-1986), psicólogo norte-americano responsável pela pesquisa inicial da Espiral do Desenvolvimento, posteriormente consolidada na obra *Spiral Dynamics* de Don Beck e Chris Cowan. (N.T.)

[18] Vide nota 10. (N.T.)

vermelhas de modo exagerado e fantasioso, simplesmente porque estavam fixados, e mesmerizados, em impulsos vermelhos do seu próprio ser. O narcisismo ostentatório dos *Boomers* aflorou da maneira mais embaraçosa, deixando uma trilha de infortúnios *boomeríticos* verde-vermelhos em todas as salas da academia."

"E aí está, muito simplesmente, por que *boomerite* transformou-se na linguagem da desconstrução, da destruição, do terrorismo em toda parte. Ela não pôde suprir uma distinção convincente para separar aquilo que era progressivo daquilo que era meramente regressivo – e nesta triste e indiferente indecisão repousa um dos muitos caminhos que levaram ao 11 de setembro."

Todos à mesa ficaram em silêncio por vários minutos. "Sim, infelizmente, infelizmente", Carla Fuentes balançou a cabeça suavemente. "Desse ângulo particular, você está absolutamente certo: *boomerite* foi profundamente cúmplice na desconstrução do *World Trade Center*." Fuentes olhou para cada um de nós, um a um. Suas tristes palavras foram pronunciadas em uma voz melancólica, sem ódio, quase meiga.

"Até mesmo Foucault não chamou Derrida de *terrorista*? Quando o resultado líquido de sua reflexão acadêmica desemboca em: não existem padrões universais pelos quais qualquer cultura possa ser julgada inferior a outra; o Ocidente, sob a influência do Iluminismo, tornou-se simplesmente uma hegemônica imposição imperial dos padrões absolutistas universais sobre o mundo inocente; portanto qualquer coisa do Ocidente é má, qualquer coisa do Oriente é boa; donde desconstruir o Ocidente e o Iluminismo é a coisa nobre a ser feita – bem, quando seu pensamento é atingido por falácias pré-pós de tal magnitude, elas criam uma atmosfera intelectual na qual se aplaude, implicitamente, qualquer terrorismo desconstrutivo; quando um famoso pluralista pós-moderno brada 'Se você não for branco, fique o mais longe que puder de qualquer cultura ocidental!' – fico pensando se o Afeganistão é suficientemente longe para esse senhor – bem, naturalmente toda essa atmosfera acadêmica é cúmplice de tais ataques terroristas. Os pós-modernistas radicais não são a real causa de quaisquer desses crimes, mas são cúmplices, são profundamente cúmplices." Carla Fuentes meneou sua cabeça.

O lado contundente de Van Cleef cortou o ar; ele aparentava estar mais furioso do que o normal. "A lista desses cúmplices é infindável – isto é, a lista de eruditos de *boomerite* com sangue filosófico em suas mãos é verdadeiramente interminável: começando por Heidegger – e podemos lembrar agora sua infame e impenitente cumplicidade com os Nazistas – e seus camaradas de filosofia: Foucault no início, a maior parte de Derrida, Wittgenstein no fim; os subprodutos e imitadores – Michel de Certeau, Richard Rorty, Edward Said, François Lyotard, Jean Baudrillard, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, Slavoj Zizek, Antonio Negri e Michel Hardt; a turma francesa e seus mornos e menos talentosos porta-vozes americanos – Stanley Fish, Susan Sontag, Stanley Aronowitz; os movimentos alternativos, do *'New Birth in Freedom' do JTP* ao *Revisioning TP Psych*, à espiritualidade *boomerítica* e ao MVM (Meme Verde Mau) em toda sua glória, a hipocrisias anti-hierárquicas enchendo o ar com sua fedorenta presunção autocongratulatória, aos últimos aprendizes de filósofos *avant-garde*, todos gritando batidos *slogans* pluralistas." Van Cleef cuspia as palavras em uma torrente incessante; seus colegas, embora não discordando, sentiam-se desconfortáveis, especialmente Joan.

"Não me canso de repetir", continuou, "que em grande parte desses casos há verdades muito importantes – frequentemente as usamos aqui no Centro Integral – e na maioria deles, as intenções são tão cordiais, tão genuínas, tão nobres. Mas todos sabemos que tipos de estradas são abertas com boas intenções. Na contabilidade cármica do Kosmos, a chuva da responsabilidade encharcará essas cabeças acadêmicas."

“Como sempre, expresso de maneira doce e gentil”, sorriu Fuentes. “Mas, no geral, concordo. Alguém mais concorda?” Cabeças, em torno da mesa, aquiesceram.

“Sinto que o problema real é que seus sentimentos, fantasiados de filosofia, apareceram no mundo como uma grande moda, orgulhosamente anunciada. O ponto essencial é que *boomerite* drenou a capacidade dos intelectuais para formular uma condenação coerente de tais ataques, além da réplica capenga de que ninguém tem o direito de atacar fisicamente o outro – aparentemente, sua resposta foi que explodir outras pessoas não é amável e delicado.” Fuentes riu no seu modo doce e malicioso. “Mas fora isso, *por que* o Outro não deveria retaliar em face do barbarismo repressor da cultura iluminista ocidental? Bem, *boomerite* e o MVM estão *estranhamente silenciosos*, não? A única coisa que curto-circuitou seu silêncio filosófico foi a massiva *brutalidade*, acima dos limites, desse ato específico.”

Morin concordou. “Sim, Carla está certa. Se qualquer bando de terroristas tivesse escolhido um alvo menor, atingido somente militares ou funcionários do governo, e, em seguida, liberado uma declaração sobre o esmagamento da liberdade e igualdade de todas as culturas pela cruel Máquina Capitalista, a maioria do Verdes deste país rapidamente concordaria – ou, no mínimo, se recusaria, absolutamente se recusaria, a julgar que esses terroristas estivessem ERRADOS. Mas a gravidade e selvageria do ataque ao *World Trade Center* enfiou essas ideias goela abaixo, de modo que é quase impossível disfarçar o fato e desculpá-lo com platitudes pluralistas.” Morin balançou a cabeça.

“Realmente, é um problema imerso em grande confusão,” disse Jefferson. “Muito parecido com aquele quando o Unabomber matou e mutilou dezenas de pessoas inocentes em nome da *ecologia versus civilização* – outra dicotomia completamente falsa – e Kirkpatrick Sale – sob a influência da mesma falácia pré-pós e da mesma *boomerite* – imediatamente apareceu para defender a filosofia do Unabomber, ao mesmo tempo em que, de maneira não muito convincente, disse que isso não significava que apoiasse seu ato.”

Margaret Carlton, a aparência frágil sustentada pela convicção, observou, “Sim, sim, sim, há pelo menos uma década, estudiosos responsáveis vêm mostrando que esse pluralismo radical só permite, e mesmo incentiva, a glorificação de virtualmente qualquer outra cultura que não a ocidental – Outros azuis, Outros vermelhos, Outros roxos, Outros beges. Essa atitude *boomerítica* com certeza revitalizou o antigo impulso do selvagem nobre. Os *Boomers* deram esteroide aos Românticos!”, ela sorriu docemente.

“Um dos numerosos exemplos... eu o tenho em algum lugar...” Van Cleef procurou na sua maleta. “Aqui está. Keith Windschuttle: ‘O relativismo cultural começou como uma crítica intelectual ao pensamento ocidental, mas, atualmente, tornou-se uma justificativa influente para uma das forças políticas mais potentes da era contemporânea. Isto é, o renascimento do tribalismo no pensamento e na política. A pretensão dos representantes de culturas tribais para ter completo domínio dos seus negócios é, provavelmente, a maior causa isolada de derramamento de sangue no mundo de hoje. Ela produziu a política sepulcral da Irlanda do Norte, Sri Lanka, Sudão, África Central, Oriente Médio e Balcãs. O pós-modernismo e o relativismo cultural são cúmplices nisso – ambos com sua insistência sobre a integridade de todas as culturas tribais, não importando que práticas ou valores elas perpetuem, e na acusação de toda a civilização ocidental. Entretanto, ao invés de se reconhecer a política do relativismo como um avanço na conceituação política, ela deve ser vista simplesmente como uma imagem especular de ideologias racistas que acompanharam e justificaram o imperialismo ocidental na era colonial.’ Corretíssimo: eles são etnocêntricos até os ossos – ambos glorificam o pluralismo etnocêntrico em vez do pluralismo universal – ou pluralismo patológico no lugar do pluralismo genealógico – todos incentivados por uma *boomerite* com sede de poder.”

Van Cleef inspirou profundamente e aumentou o volume. “Uma glorificação da mentalidade tribal pré-convencional: paixão romântica favorita dos verdes – as tribos roxas e vermelhas. O Taleban é um bando tribal do norte do Afeganistão, vivendo junto à terra, com anciães tribais e um conselho tribal, maravilhosamente livres dos valores do Iluminismo e totalmente independentes do terrível paradigma newtoniano-cartesiano: selvagens nobres, ondas vermelhas florescendo livremente ao sabor dos ventos.”

“Bem”, ele rugiu, “uma onda vermelha inundou violentamente o *World Trade Center* e os verdes puderam vislumbrar os contornos reais daquilo que vinham louvando desde os Românticos originais. Selvagens nobres desconstruíram a civilização: legal, não é?” e bateu seu punho fortemente sobre a mesa, fazendo um ruído perturbador.

“Calma, Derek, calma. Você está passando dos limites”, falou Morin.

“Não, não estou.” A intensidade de Van Cleef zunia no ar. “Se não vamos ‘fazer nenhuma distinção entre os terroristas e aqueles que os nutrem’, então também não poderemos distingui-los filosoficamente.”

“Ele pôs o dedo na ferida,” Jefferson concordou. “Mas é um ponto que já salientamos. Não há dúvidas de que esses acadêmicos são cúmplices por criar uma atmosfera filosófica que hesitou em julgar negativamente os Outros e hesitou, igualmente, ao não dizer nada de positivo sobre a cultura ocidental. Deixemos que respondam pelos seus atos e pelas suas palavras. Nada que façamos mudará esta situação.”

O Verde Sadio: agora mais do que nunca

“Atenção, estamos todos fugindo do assunto!”, interveio Lesa Powell. “Nossa proposta é discutir as *reações* ao ataque, não suas *causas,* ou quem devemos *culpar*.”

“Certo, certo; desculpe, fomos um pouco envenenados pela testosterona.” Jefferson riu.

“Opa,” Van Cleef aquiesceu. “Vejam, não estou culpando os pós-modernistas radicais por este ataque, somente ressaltando as dificuldades que ele trouxe para seu sistema de valores. Estou dizendo que suas respostas ao ataque – e a própria resposta geral do meme verde – sofreram de uma transvalorização de valores, porque a cultura do Outro – que era considerada BOA – aparece agora como realmente MÁ, e a cultura ocidental do Iluminismo – que era considerada MÁ – agora aparece como VÍTIMA. E de acordo com a linguagem de *boomerite*, todas as vítimas são nobres, inocentes e boas. Subitamente, *o Ocidente assegurou o cobiçado status de vítima*, e isto desmantelou o sistema de valores do MVM, de tal maneira que suas respostas ainda estão entorpecidas, confusas, vagas, quase incoerentes.”

“Bem, eles geralmente concluem com algo do tipo, ‘Sim os terroristas fizeram uma coisa ruim. Mas não devemos retaliar; devemos aproveitar a oportunidade para refletir como todos nos tornamos terroristas quando somos grosseiros com outras pessoas; devemos usar isto como uma oportunidade de cura, de cuidado e de sentimento da nossa dor. Devemos nos lembrar de que todos somos irmãos e irmãs nesta humanidade e praticar o amor ao próximo diariamente. De vez em quando, desliguem a televisão e façam uma declaração mútua de amor. Enviem luzes curadoras e amorosas para todas as vítimas de qualquer lugar, não somente daqui, mas do mundo inteiro.’.”

“O verde *sadio* é uma resposta decente e nobre”, acrescentou Joan. “Espero que não esteja zombando dessa atitude, Derek. Lembre-se de que *boomerite* é o verde patológico, não o saudável. Almejo encontrar uma boa parcela de verde sadio em mim mesma, porque, agora, mais do que nunca, é o que precisamos.”

Jefferson esfregou os olhos. “Mesmo assim, uma coisa que me preocupa é quando os verdes escorregam para, como diria, seu lado mais trivial...”

“Como uma platitude plana?” Fuentes sorriu.

“Oh, entendo seu humor. Não, Carla, o hipersensível e acima do normal lado do cuidado, uma resposta que está contida na afirmação de Martin Luther King: ‘A derradeira fraqueza da violência é que ela é uma espiral descendente, produzindo exatamente aquilo que quer destruir. Ao invés de diminuir o mal, ela o multiplica. De fato, a violência simplesmente aumenta o ódio. Responder violência com violência multiplica a violência. O ódio não pode extinguir o ódio; somente o amor consegue.’.”

“Mas, veja,” continuou Jefferson, “esta afirmação está errada em quase tudo. Como um negro criado fora do Harlem, não preciso dizer a vocês que o Reverendo King foi minha salvação quando criança. Bem, ele e Charlie Parker, mas essa é outra história. De qualquer modo, neste caso, creio que seu coração obscureceu sua cabeça. Violência real é quase sempre extinta com violência mais dura através de mãos mais sensatas. Quando você encontra um Hitler neste mundo, a resposta correta, nobre, ética, espiritual é: arranje uma arma e estoure seus miolos. Acabamos com Auschwitz, não com amor, diálogo fraterno, treinamento em sensibilidade e pensamentos meigos, mas sim com poder de fogo superior, ponto. Assim deve ser com a violência real do mundo real – a maior parte dela provém do meme vermelho, e, até que ele desenvolva seus limites azuis, somente pode ser contido pela força. Na maioria das vezes, a civilização não produz a barbárie, mas a restringe.”

“O problema básico com os verdes é que confundem a prescrição de ‘não abrigar violência em seu coração’ com ‘não usar violência no mundo real’ – neste ponto, os verdes começam a contribuir para o problema, não para a solução. É ainda outra variante para o triste fato de que os verdes – e sem dúvida o MVM e *boomerite* – têm sido cúmplices do crescimento da violência insurrecional em todo o mundo. *É óbvio* que não devemos guardar ódio em nossos corações; mas também *é óbvio* que, ao encontrar nazistas – para usar o exemplo de Van Cleef – devemos exterminá-los.” Uma gargalhada emergiu do semblante de profunda preocupação de Jefferson.

“Se os verdes desejarem uma sanção espiritual, tentem ler o *Bhagavad Gita*. O guerreiro Arjuna está prestes a ir para a guerra; preocupado com o morticínio, invoca o Senhor Krishna para ajudá-lo a decidir o que fazer. Krishna, que é tão pós-verde quanto indômito, diz-lhe duas coisas: você deve cumprir seu dever no mundo real e, portanto, deve lutar e possivelmente matar, porque assim é o mundo real atual; mas ao cumprir seu dever, mantenha-se ligado ao Espírito, não como um modo para justificar a matança, mas como um modo de pairar acima dela. ‘Lembre-se de mim e lute’, é o que Krishna diz a Arjuna. Ele não lhe diz para evitar a luta (Verde típico), NEM diz para lutar em nome do Senhor (Azul típico). Ele lhe fala para lutar e lembrar-se do Senhor, pois somente assim salvar-se-á no mundo real do carma inevitável.”

“Obviamente há umas poucas situações – muito poucas – nas quais a não violência funciona, isto é, em culturas nas quais existam valores do Iluminismo ocidental (tais como a América e a Inglaterra – as duas únicas culturas nas quais a não violência realmente surtiu efeito como estratégia). Em

qualquer outra cultura que possua valores pré-laranja, pré-modernos, pré-iluministas, se você se prostrar diante das tropas que se aproximam, ah, muito obrigado! Muito mais fácil de exterminá-lo e economizar munição. Tente não violência com os nazistas, a KKK, os Sargons, os Ramsés e os Pol Pots da vida e veja a que isto o leva. À morte, obviamente. E ao permitir que um mal maior floresça, sua morte nem sequer lhe traz um bom carma, mas o carma da covardia: ao invés, escute Krishna e cumpra seu dever, o que exige muito mais coragem do que fugir dele em uma posição autocongratulatória de meme verde."

"Veja, para os memes pré-laranja, a violência (ou a ameaça de violência) é praticamente o único caminho para extinguir a violência. No meme laranja, a guerra física muda para a guerra econômica e os campos de batalha deslocam-se para as salas de reuniões – mesma guerra, diferentes meios. Mas somente no Verde, as pessoas *desejam* parar de lutar e somente no Amarelo começam a usar estrategicamente a violência para acabar com ela. Mas os memes pré-laranja só usam violência e aí está o problema. Dar a outra face é exatamente o que você não deve fazer com memes pré-laranja. Novamente: em seu coração, nenhuma violência; no mundo, cumpra seu dever."

"Correto, Mark, correto", interveio Joan, "mas gostaria de ressaltar novamente: a postura do Verde saudável é um imperativo de qualquer resposta de segunda camada. Transcende e inclui!"

"Concordo. Desejamos incluir os verdes. Mas também transcendê-los. Assim, se necessário, não confunda não ter violência em seu coração com não existir violência no mundo. Seu dever pode ou não incluir violência, mas não nos esqueçamos de que, realmente, há ocasiões em que a violência acaba com a violência – ou, eu diria, refletindo a confusão e a natureza microscopicamente crescente de Eros: há ocasiões em que a violência substitui uma violência mais brutal por uma violência mais sutil, um mal menor visando a um bem sutilmente maior."

"O código de inspiração Zen dos samurais também é um bom guia: a melhor luta é não lutar; a verdadeira espada é nenhuma espada – mas se pensa que isto significa que um guerreiro Samurai *nunca* usará sua espada, acho que você é um pouco ingênuo."

Amarelo: Equilíbrio do Todo

"Vamos seguir em frente para a resposta amarela aos ataques terroristas – a resposta da primeira onda verdadeiramente de segunda camada," sugeriu Morin. "Derek?"

"Bem," respondeu Van Cleef, "realmente, não conseguiremos falar sobre a resposta amarela sem antes falar sobre qual seria uma abordagem verdadeiramente integral para o terrorismo. Lesa, esta é sua especialidade..."

"Vejamos," respondeu Powell, "resumir as respostas amarela e turquesa é uma tarefa difícil porque, embora articulem suas respostas em termos teóricos que usamos, elas são verdadeiramente *integrais*: tendem a ver o grande quadro (pelo menos tão grande quanto seja possível no mundo de hoje) e respondem ao Todo, por assim dizer, à medida que suavemente se desenvolve e evolui. O que tentamos fazer no CI é articular este Todo que se desdobra e isso levará alguns minutos!" Ela riu.

"Muito bem, você tem dois minutos", sorriu Morin.

"Joia." Lesa respondeu ao sorriso rolando os olhos. "Está bem, vamos começar olhando para as possíveis *causas* desse terrorismo, porque uma resposta de segunda camada não está divorciada da

compreensão intuitiva do padrão dinâmico e flutuante do Todo – o que significa que sua *resposta* e sua compreensão das *causas* são uma peça única. Bem, comecemos por aí."

"Todos sabemos que quando tentamos fazer historiografia verificamos que simplesmente não existe UMA ÚNICA MANEIRA CORRETA de ver as coisas, embora os fatos sensório-motores sejam os mesmos. Vejamos os fatos deste caso: no dia 11 de setembro de 2001, dois aviões sequestrados por não americanos chocaram-se contra o *World Trade Center*, em Manhattan, destruindo completamente a estrutura e matando mais de cinco mil pessoas, enquanto outro avião sequestrado chocou-se contra o Pentágono, matando algumas centenas. Esses fatos, embora incontestáveis, não podem ser entendidos apenas pela sua descrição, sem um completo sistema de valores culturais subjacentes (porque todos os hólons possuem um quadrante inferior esquerdo). Até aqui isto soa como um típico relato pluralista pós-moderno, exceto pelo fato de que vamos além do relativismo pluralista – que nega que qualquer dessas interpretações culturais seja superior às outras – defendendo um pluralismo genealógico, ou desdobramento desenvolvimentista, que sugere, baseado em extensa pesquisa, que alguns desses valores são superiores, melhores e mais abrangentes do que outros: globocêntrico é *melhor* do que etnocêntrico que, por sua vez, é *melhor* do que egocêntrico. Cada um deles pode ser apropriado para certas circunstâncias, mas não há dúvida quanto à categorização hierárquica de crescente capacidade para consciência, cuidado e compaixão."

"Eis aonde quero chegar: cada meme, ou onda geral de desenvolvimento, tem algo importante a nos dizer sobre como podemos e devemos interpretar a questão de *causas* e *responsabilidades* deste evento particular. Apesar de que um meme mais elevado, mais inclusivo, tenha uma visão mais adequada da situação e, portanto, mais precisa (embora nunca seja totalmente correta: isto não existe), mesmo assim, cada meme nos diz algo sobre como outros – e o Outro – podem ver o mundo em termos de quem responsabilizar. Esta é a resposta geral de segunda camada: sinta intuitivamente o que *todas* as diferentes respostas têm a nos dizer sobre a totalidade da realidade e sobre todos os seres humanos nela imersos. Mas a resposta de segunda camada também compreende que o *peso* que deve ser dado para cada uma dessas respostas e interpretações é mais bem avaliado pelo nível turquesa, uma vez que essa é a mais alta onda de consciência que, em média, se pode encontrar e que, até o momento, é a mais significativa já atingida nos quatro quadrantes; e, apresso-me a enfatizar, para que o nível turquesa seja genuinamente adequado, deve levar em conta insights de terceira camada (pelo menos como estado, se não como nível)."

"Lesa, você pode explicar melhor tudo isso? Está tão denso", solicitou Hazelton.

"Tentarei daqui a pouco, Joan. Mas, antes, permita-me discorrer sobre o espectro das *causas* reais para o ato terrorista, sugerido por uma análise de todos os memes. Primeiramente e acima de tudo, a parte do leão da responsabilidade fica com os terroristas, pura e simplesmente. Eles nem sequer estão representando valores vermelhos, mas sim valores vermelhos patológicos ou extremistas. Mesmo terroristas 'saudáveis', se posso expressar-me assim, imediatamente condenaram seus atos. Yasser Arafat: 'Inacreditável! Inacreditável! Inacreditável!' Aquilo não era racional. Não interessa se você queira explicar como um ataque do bem contra o mal, ou um ataque da barbárie à civilização, ou um ataque à humanidade por pessoas insensíveis. No topo da lista a quem responsabilizar, por uma larga margem, estão os terroristas – seus líderes, seus seguidores, seus cúmplices." Lesa levantou os olhos e sorriu. "Eles são aproximadamente completamente maus", e todo mundo riu – uma piada interna do CI.

"O que motivaria tais atos? Notem que virtualmente todos os memes, do vermelho ao turquesa, concordam que esses atos são doentios (não importa que circunstâncias atenuantes possam estar presentes, o que discutiremos depois). Assim, temos justificativas para perguntar que tipo de

enfermidade ou má-formação estaria envolvido? Quais seriam seus contornos reais? Teríamos de fazer uma análise de 'todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas' (um psicográfico integral) – não temos informações suficientes para fazê-la adequadamente – mas, alguns aspectos simples são sugestivos: no Quadrante Inferior Direito havia, e continua havendo, graves tensões econômicas (que *podem ou não* serem imputadas totalmente à globalização e ao capitalismo corporativo ocidental: isto é *outra* questão a ser decidida pelos seus méritos – posteriormente falaremos sobre ela); no Quadrante Inferior Esquerdo parece haver algo como um enrijecimento cultural em face da modernidade; isto aparenta ser um Azul patológico ou nível mítico-associativo distorcido, ao definir quase um único mito: a destruição do Outro; o Outro, neste caso, sendo o Ocidente (novamente, se o Ocidente tem culpa é outra questão; agora, o fato é: fenomenologicamente, isto parece ser o essencial do Quadrante Inferior Esquerdo desses terroristas); no Quadrante Superior Direito, aumento da dopamina e decréscimo da serotonina, ou algo semelhante; no Quadrante Superior Esquerdo, uma patologia de meme vermelho alimentada por uma formação superegoica azul distorcida; mais especificamente: linha cognitiva no Laranja, linha do ego no Vermelho com dissociação patológica e uma má formação no fulcro 3 / subfase b; o superego do ego tripartite contaminado por uma ideologia deformada de meme azul, internalizada e dura."

Lesa fez uma pausa. "Bem, apresentei metanarrativas suficientes para levar o MVM médio à loucura?" Todos sorriram e concordaram. "Oh, deixe-me acrescentar algo: foi um ataque taticamente brilhante, absolutamente brilhante, executado com impetuosa coragem. Mas agora estamos focalizando seu lado doentio..."

"Resumindo, parece razoável considerar que os terroristas eram vermelhos patológicos inflamados por uma ideologia azul distorcida – realmente, uma combinação explosiva. Nenhum sistema de valores sadio, de qualquer cultura que conhecemos, desculpa esses atos. Entretanto, a pergunta que surge é: em que extensão essas patologias nos quatro quadrantes podem ser imputadas a outros, como, por exemplo, o capitalismo global ocidental? Aqui, como vocês podem imaginar, a situação é um pouco mais complicada e sujeita a enganos."

PARTE II: POLÍTICA INTEGRAL

Lesa olhou para o alto, pensou por um momento e disse: "Tenho um conjunto de notas que estou usando para preparar uma palestra sobre *política integral*. Tem tudo a ver com este tópico. Vou simplesmente ler as notas e talvez vocês possam me ajudar, combinado?"

"Por que a política integral se relaciona à questão das várias respostas ao ataque terrorista?", Morin perguntou.

"Porque grande parte da discussão sobre o ataque – o que ele significa, por que aconteceu e, acima de tudo, quem é de fato o responsável – está imersa em condições políticas e partidos políticos, praticamente todos consideravelmente não integrais. Tanto as respostas conservadoras quanto as respostas liberais são parciais, fragmentadas, alienadas e alienantes. Mas isto só pode ser visto com clareza quando comparado a uma estrutura política mais integral. Faz sentido?"

"Claro, claro", respondeu Morin. "Leia a palestra e faremos alguns comentários. Em seguida, precisamos voltar para as respostas ao ataque terrorista que seriam esperadas das ondas de consciência mais elevadas, transpessoais, espirituais; está bom assim?"

Por que os seres humanos sofrem? As respostas Conservadora e Liberal

"Muito bem, este é um rascunho, portanto, sejam tolerantes. Na palestra, eu usarei a tragédia do WTC para ilustrar alguns pontos. Vamos começar", e Lesa passou a ler. "Para piorar as coisas, nós não temos uma teoria política integral que possa ser usada mais adequadamente para analisar esta situação sob uma perspectiva de segunda camada. Tudo o que temos no momento, falando claramente, são posturas conservadoras da *Realpolitik* – do tipo: 'Vocês terroristas dizem que estão preocupados porque a América tem tanta riqueza e poder, e esmaga todo mundo. Bem, temos riqueza e poder porque os conquistamos; se vocês querem riqueza, esforcem-se para obtê-la; caso contrário, sumam. Tentem tomar ou destruir nossa riqueza e nós os bombardearemos de volta à Idade da Pedra.'." Lesa riu. "Uma ameaça tola, porque eles já estão na Idade da Pedra. Esta interpretação conservadora do meme azul não leva em conta nenhum tipo de análise AQAL ['todos os quadrantes, todos os níveis'] que poderia revelar um poder distributivo e estruturas econômicas distributivas que, genealogicamente, *surgiram* sob a influência de fatores que até o próprio meme azul consideraria INJUSTOS; desse modo, a afirmação de que 'nós conquistamos nossa riqueza' não é totalmente verdadeira, uma vez que essas infraestruturas injustas fazem parte da criação da riqueza. Esta opção é raramente considerada por analistas conservadores. Eles..." Ela levantou os olhos, sorriu e disse: "Eles nascem em berço esplêndido e passam a vida inteira pensando que fizeram algo extraordinário."

"Por outro lado, a interpretação liberal também é bem tendenciosa, só que na direção oposta. Todos nós conhecemos a diferença básica entre as típicas abordagens conservadora e liberal – não é que uma seja orientada para o passado e a outra, para o futuro – uma seja reacionária e a outra progressista, uma aristocrática e a outra igualitária – embora tudo isso influencie. Mas a diferença fundamental foi explicada nos mínimos detalhes pela primeira vez por um de nossos membros do CI em *Up From Eden* [19]. Qual é de fato a diferença entre os liberais e conservadores? Bem, se você fizer a pergunta simples – *Por que os seres humanos sofrem?* – você obterá duas respostas basicamente diferentes. Os conservadores dirão: *você sofre por sua causa*; os liberais dirão: *você sofre por causa de outra pessoa*."

[19] Livro de Ken Wilber lançado no Brasil pela Editora Verus com o título *Éden: Queda ou As*censão*?* (N.T.)

"Por exemplo, por que há pessoas pobres? O conservador dirá: 'Porque elas são preguiçosas, não trabalham suficientemente, têm mentalidade de direito adquirido, são indolentes: Eu trabalhei duro para ter meu dinheiro, que eles trabalhem pelo deles!' O liberal dirá: 'Vocês são pobres porque são oprimidos, não lhes foi dada uma oportunidade justa, são tiranizados, são vítimas – não é culpa sua, mas da sociedade.' O conservador geralmente situa a responsabilidade dentro; o liberal, fora."

"O mesmo acontece quanto ao controle de armas de fogo – conservadores: eduque seus filhos de modo que desenvolvam valores de família e eles não usarão armas de fogo irresponsavelmente; liberais: proíbam todas as armas de fogo. Bem-estar econômico – conservadores: instile valores de esforço pessoal e do capitalismo de livre mercado e aqueles que se dedicarem, prosperarão; liberal: redistribua a riqueza. Aborto – liberal: quando necessário; conservador: pratique sexo e abstinência responsável e não precisará fazer abortos. Sem-teto – liberal: torne a moradia disponível para aqueles que não têm condições de obtê-la; conservador: ensine valores de autorresponsabilidade e esforço próprio e ter-se-á muito menos indigentes. Fome mundial – liberal: alimente o faminto; conservador: ensine-o a alimentar-se."

"Para cada caso, o conservador recomenda principalmente *mudanças interiores*; o liberal, *mudanças exteriores*. Da mesma forma, quando se trata de mudança social, o conservador recomenda *desenvolvimento interior* (formação de caráter, valores de família, diligência, autorresponsabilidade); o liberal recomenda *desenvolvimento exterior* (progresso material, redistribuição econômica, saúde universal, estatização do bem-estar). Claro, há exceções. Mas, geralmente, esta é uma diferença genuinamente fundamental na orientação sociopolítica entre conservadores e liberais."

"Entretanto, temos alguns problemas de terminologia quanto às várias formas como os termos 'liberal' e 'conservador' são usados. Portanto, desejo assinalar que existem duas questões diferentes aqui: a primeira é a *escala de causalidade* real para os males humanos: é interior ou exterior? E a segunda: estamos lidando com os nomes de orientações políticas (liberal, conservadora, socialista, libertária etc.), cada uma das quais é uma mistura da escala interior-exterior a que estamos nos referindo acrescida de outras importantes escalas, tais como o nível médio ou níveis de desenvolvimento que o partido político em princípio apoia (por exemplo, azul, laranja, verde etc.); a ênfase colocada em valores individuais versus valores coletivos; a natureza da mudança política defendida (gradual, revolucionária, tradicionalista), e assim por diante. Uma política integral ou AQAL leva em conta todas essas escalas a fim de moldar uma visão mais completa de possibilidades políticas humanas – e uma forma de pesquisa e ação políticas mais abrangente, equilibrada e efetiva. Vários de nossos colegas já estão trabalhando nisso (vide Gregory Wilpert, *Integral Politics: A Spiritual Third Way*, *Tikkun*, 16, 4, Jul/Ago de 2001; vide também *A Theory of Everything* [20] e suas notas explicativas; e os trabalhos de Drexel Sprecher, Thomas Jordan, Don Beck, Maureen Silos, Jack Crittenden, Sean Hargens, Paul van Schaik, Mike McDermott, Lawrence Chickering, Mark Gerzon, Tyler Norris, Kees Breed, Ray Harris, Mark Palmer, Karin Swan, Michael Ostrolenk e outros membros do CI)."

"Assim, quero ressaltar que nesta discussão focalizarei especificamente a *escala interior-exterior*; vocês poderão aplicar esse entendimento aos diversos partidos políticos, daqui ou do estrangeiro, e observar onde eles se localizam (e como poderiam mover-se para uma visão mais integral ou equilibrada). Como sabemos, aqui nos Estados Unidos da América, os tradicionais partidos conservador e liberal encaixam-se quase perfeitamente nessa escala: os conservadores creem quase completamente na causação interior das aflições humanas, e os liberais creem quase completamente na causação exterior do sofrimento humano. Como todos vocês sabem, isto significa simplesmente

[20] Livro de Ken Wilber lançado no Brasil pela Editora Cultrix com o título *Uma Teoria de Tudo*. (N.T.)

que os conservadores enfatizam a importância dos quadrantes do Lado Esquerdo, enquanto os liberais enfatizam os quadrantes do Lado Direito [21]. (Não confundam com os conceitos tradicionais de 'Esquerda' e 'Direita' – a Esquerda política enfatiza os quadrantes da direita, a Direita política, os quadrantes da esquerda). A fim de fazer do mundo um lugar melhor, os conservadores querem consertá-lo com os quadrantes interiores (do Lado Esquerdo), os liberais querem desenvolvê-lo com os quadrantes exteriores (do Lado Direito)."

"Consequentemente, quando se pergunta a um conservador o que possivelmente motiva os terroristas a tomar parte em tais atos desesperados, ele não hesitará em atribuir praticamente toda a culpa aos próprios terroristas: eles são do mal, são subumanos, faltam-lhes valores e caráter, falta-lhes o Deus verdadeiro, falta-lhes isso ou aquilo e a *culpa é deles*, ponto final. É um problema interior. E o liberal típico irá para o outro extremo e culpará os exteriores: claro que os terroristas são responsáveis por esses atos, mas algo terrível em seu ambiente os obrigam a cometê-los. E neste caso, esse algo terrível é uma palavra de oito letras: Ocidente."

"Ambas as visões têm um grau de verdade (simplesmente porque *todas as* situações têm quadrantes do Lado Esquerdo e do Lado Direito!). A posição conservadora reconhece corretamente a necessidade de *desenvolvimento interior* para a germinação de qualquer tipo de valores, cultura e consciência genuínos. Em outras palavras, eles enfatizam corretamente a importância e necessidade do desenvolvimento nos quadrantes do Lado Esquerdo. Claro, a maioria dos conservadores só reconhece ondas do Lado Esquerdo e valores até azul-laranja; portanto, 'instilar valores' geralmente significa valores etnocêntricos: nacionalismo, valores de família, militarismo, patriotismo, patriarcalismo, os bons e antigos conselhos, mandamentos e moralidade bíblicos – daí sua forte ênfase no 'caráter interior' sobre a 'capacidade' exterior de um Presidente. Mas a verdade *básica* de tudo isso está na necessidade fundamental do desenvolvimento interior, porque sem ele, o roxo e o vermelho dominarão: proteger-se da barbárie é o máximo a que uma cultura pode aspirar. O lado ruim, claro, é que existem valores *mais elevados* que os azuis-laranja, e que são normalmente negados e combatidos pelos conservadores nas ocasiões em que conseguem vislumbrá-los."

"Portanto, os conservadores estão certos quanto à necessidade absoluta do desenvolvimento dos quadrantes do Lado Esquerdo para qualquer tipo de civilização; estão errados quando assumem que os valores azuis são os mais elevados do Kosmos [22]."

"Esse tipo de teoria política conservadora, tradicional – baseada na associação mítica e no meme azul – foi a visão dominante de governança durante a maior parte da história civilizada da humanidade, no Oriente e Ocidente, desde o Período Axial [23] até o Iluminismo [24] no Ocidente,

---

[21] Quadrante é um dos cinco componentes do Modelo Integral de Ken Wilber (os outros são nível, linha, estado e tipo). Tudo que existe apresenta, no mínimo, quatro aspectos: "interior", "exterior", "individual" e "coletivo". Da combinação desses aspectos, nascem os quatro quadrantes: "exterior-individual" ou "comportamental", "interior-individual" ou "intencional", "interior-coletivo" ou "cultural" e "exterior-coletivo" ou "social". Na figura dos quadrantes, os quadrantes exteriores (comportamental e social) ficam no Lado Direito e os quadrantes interiores (intencional e cultural) ficam no Lado Esquerdo. (N.T.)

[22] Wilber reapresenta esta palavra no livro *Sex, Ecology, Spirituality* com a seguinte observação: "Os Pitagóricos criaram a palavra *Kosmos* que, normalmente, traduzimos como 'cosmo'. Mas o significado original de Kosmos era a natureza de padrões ou de processos de todos os domínios da existência, da matéria para a matemática para o divino, e não simplesmente o universo físico, que é o significado usual das palavras 'cosmo' e 'universo' hoje. O Kosmos contém o cosmo (ou fisiosfera), bio (ou biosfera), noo (ou noosfera) e teo (teosfera ou domínio divino)". (N. T.)

[23] Termo cunhado pelo filósofo alemão Karl Jaspers para o período entre 800 e 200 a.C, quando surgiram no mundo figuras como Sidarta Gautama, os grandes profetas hebraicos, Confúcio, Lao-tsé, Sócrates, Platão, entre outros. (N.T.)

quando nasceu um tipo radicalmente novo de filosofia política: o *liberalismo*. O liberalismo representou muitas coisas ao mesmo tempo: uma mudança da visão focada no etnocentrismo para perspectivas globocêntricas; da aristocracia para a democracia; da escravidão para a igualdade; da sociedade guiada pelo mito para uma instruída pela ciência; de uma identidade com o papel para uma identidade com o ego; do dever e honra para dignidade e reconhecimento; de valores etnocêntricos para valores universais (especialmente liberdade, igualdade, fraternidade)."

"Em resumo, foi um movimento do azul para o laranja, do etnocêntrico para o globocêntrico, do convencional para o pós-convencional. Representa o nascimento do liberalismo no Iluminismo moderno."

"Mas, claro, foi também muitas outras coisas, nem sempre saudáveis. E poucos dos valores mencionados anteriormente surgiram em uma forma completamente sadia. Lembrem-se da dialética do progresso – a confusa bênção – da modernidade: a boa notícia foi que os Três Grandes (Eu, Nós e Isso; ou Arte, Moral e Ciência) finalmente se diferenciaram, permitindo a busca de suas verdades por meios próprios e resultando em liberdade e progresso espetaculares de cada um; a má notícia foi que os Três Grandes não apenas se *diferenciaram*, mas, no final, se *dissociaram*, permitindo que uma ciência agressiva e imperialista dominasse as outras esferas de valores, reduzindo catastroficamente a Arte e a Moral – o Belo e o Bom – a intrusões desnecessárias no caminho da racionalidade instrumental. De forma concisa, as dimensões interiores do Eu e do Nós – os quadrantes do Lado Esquerdo – foram reduzidas a epifenômenos dos 'Issos' e exteriores do mundo sensório-motor do Lado Direito: nasceu o materialismo científico."

"E o liberalismo nasceu com ele. O liberalismo cresceu na mesma atmosfera *flatland*, a atmosfera que reconhece apenas exteriores – daí por que, até hoje, a maioria dos liberais só se sente confortável em pensar sobre o que precisa ser corrigido nos exteriores a fim de melhorar a sociedade. Pensar sobre consertar interiores implicaria que alguns interiores são inferiores a outros, e os liberais normalmente recuam diante dessa implicação; desse modo, inadvertidamente, paralisam qualquer desenvolvimento interior efetivo e focalizam quase exclusivamente a engenharia exterior de sistemas sociais."

"Mas existe também uma razão positiva para os liberais relutarem em discutir o desenvolvimento interior, e ela precisa ser cuidadosamente analisada, a saber: a separação entre Igreja e Estado. A filosofia política prévia (que, no limite, levou ao conservantismo), originária da onda mítico-associativa (vermelho-azul), era essencialmente uma filosofia de fusão Igreja-Estado: o Faraó, o César, o Czar, ou o Rei era Deus ou o representante de Deus, um sistema de comando e controle políticos de partido único, ligado diretamente a uma religião etnocêntrica. O liberalismo desejou ir além dessa governança etnocêntrica para a governança globocêntrica, universal, fundamentada não em valores religiosos específicos ou valores familiares convencionais, mas em liberdades pós-convencionais estendidas, tanto quanto possível, a todos. Portanto, a posição liberal geral é que o Estado não deve promover publicamente qualquer versão específica ou favorecida de Deus ou da Vida Reta – o que geralmente é conseguido pela separação entre Igreja e Estado. O liberalismo recomenda uma república processual (na qual a justiça precede o bem), não uma república substantiva (na qual o bem precede a justiça); geralmente defende liberdades negativas (não prejudique os outros), não liberdades positivas (você deve respeitar isso). Desse modo, a posição liberal advoga teoricamente um tipo de igualdade e, até mesmo, de igualitarismo: todos os valores pessoais ou interiores são uma escolha íntima, geralmente não passível de julgamento público; não

[24] Movimento surgido na França no Século XVII e que teve seu apogeu no Século XVIII (Século das Luzes), tendo como principais participantes Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Diderot, entre outros. (N.T.)

existe nenhuma hierarquia de valores pessoais com qualquer tipo de aplicabilidade entre indivíduos."
"Eis então a dificuldade com o liberalismo tradicional: a capacidade inerente de proteger e promover a *igualdade universal* é o produto de pelo menos cinco estágios de *crescimento hierárquico interior* (bege ao roxo, ao vermelho, ao azul, ao laranja). A posição liberal que afirma que todas as pessoas são iguais e nenhum valor é intrinsecamente melhor que outros é em si um valor elitista, alcançado apenas por uma minoria da população neste momento. O liberalismo é o resultado de cinco estágios hierárquicos de crescimento que se volta contra si mesmo e nega a importância de estágios hierárquicos de crescimento."

"Assim, o liberalismo nega o próprio caminho que produziu o liberalismo. E uma das principais razões para isso, eu sugiro, é que uma historiografia integral revela que o liberalismo nasceu no clima *flatland* do materialismo científico, do reducionismo econômico, que afirma que todas as realidades verdadeiramente importantes são ocasiões exteriores, sensório-motoras. Até mesmo os sistemas psicológicos que cresceram com o liberalismo – o empirismo, o behaviorismo, o positivismo – mantêm que o mundo interior nada mais é do que uma série de retratos do mundo exterior, esse sim o mundo real (novamente: a ciência liberal sustenta que só existem fatos, nenhuma interpretação; isto é, só exteriores sem interiores reais)."

"Desde o início, o liberalismo *entendeu mal a gênese de sua própria posição*. Não compreendeu que os valores liberais surgem através de uma série de estágios hierárquicos de crescimento – mais atrasados – que também geram valores (bege ao roxo, ao vermelho, ao azul, ao laranja...). Assim, o liberalismo – por ser *de fato* uma onda pós-convencional, globocêntrica, universal, de equidade, justiça e tolerância – estendeu imediatamente a todos os outros pontos de vista a condição de igual valor: 'Defendemos esta verdade por ser evidente: todos os homens são criados iguais.' Bem, todos os homens podem ser criados iguais, mas logo alcançam diferentes ondas de desenvolvimento, das quais apenas as mais elevadas produzem valores liberais. Em seguida, os valores liberais, dominados por *flatland*, negam vigorosamente hierarquias interiores e, desse modo, dissolvem eficazmente sua própria gênese e esforçam-se para destruir o caminho que os produziu."

"Em lugar do desenvolvimento interior, o liberal *flatland* recomenda meramente desenvolvimento exterior. Progresso material e reordenamento econômico tornam-se os principais alvos da governança – (re)distribuir a riqueza material, prover cuidados à saúde física para todos, prover abrigo físico para todos, prover alimentação física para todos, prover bem-estar físico para todos. Isto deixa todos os valores, todos os interiores, todos os significados, toda a profundidade e toda a divindade para os conservadores, que representam uma onda mais baixa de desenvolvimento, mas que, pelo menos, não esqueceram os interiores!"

"O *discurso interior* – discurso sobre valores, discurso sobre religião, discurso sobre caráter, discurso sobre significado – é completamente deixado nas mãos dos conservadores. O liberal olha para os valores conservadores típicos do meme azul – que são geralmente etnocêntricos e adaptativos (e inevitáveis) naquela onda, mas que podem descambar facilmente para homofobia e violência contra homossexuais, machismo e misoginia, militarismo e imperialismo – e diz: 'Se é isso o que vocês entendem por "instilar valores", então estou completamente fora do jogo de valores!' – deixando de ver que sua justiça globocêntrica é simplesmente a próxima onda de valores hierarquicamente desenvolvidos. Ele tenta escapar dos valores etnocêntricos, não defendendo de forma transparente seus próprios valores globocêntricos mais elevados, mas sim afirmando ser neutro e igualitário quanto a valores, quando na verdade está defendendo a próxima onda de estruturas de valores, a próxima onda de interiores, não observando que está sucumbindo ao atoleiro *flatland*. Em vez de liderar uma *nova onda* de discurso interior – discurso mais elevado sobre

valores, discurso mais elevado sobre religião, discurso mais elevado sobre caráter, discurso mais elevado sobre significado – ele fala apenas de um igualitarismo morno, de uma pluralidade de objetivos autênticos, de um multiculturalismo sem força, nenhum interior é melhor do que outro, blá, blá, blá... Qualquer valor, por mais primitivo que seja, não só é respeitado, como lhe é atribuído igual importância, ponto final – e o pesadelo regressivo está prestes a começar. O liberalismo é muito mais nobre que isso, muito *mais elevado* que isso..."

"A propósito, observa-se frequentemente que os 'conservadores' e os 'liberais' trocaram de posição em questões importantes desde o Iluminismo. O que o liberalismo originalmente representava – individualismo versus coletivismo, independência da intervenção estatal e políticas de livre mercado – agora passou a ser assumido por um ramo do conservadorismo, enquanto muitos liberais começaram a recomendar políticas que se parecem duvidosamente com as do velho conservadorismo (intervenção estatal, coletivismo, interferência no mercado, suspensão de direitos individuais, ênfase no municipalismo)."

"Há muitas razões AQAL [25] para essa importante mudança, mas a mais simples é: já que o impulso conservador é apenas este: *conservar* ou manter o passado, ele tende a defender somente práticas que, historicamente, demonstraram que funcionam. Eles não são progressistas ou revolucionários, olhando para o futuro em busca de algum tipo de mudança e salvação; são tradicionais, até mesmo reacionários: buscam âncoras estáveis no passado."

"Ora, na época do Iluminismo, ser conservador significava ser azul, já que isso havia funcionado por mil anos; o Iluminismo laranja, por outro lado, era precipitadamente novo e revolucionário (e, portanto, liberal ou progressista). Em lugar do coletivismo e da associação mítica azul, trouxe o individualismo e a liberdade de escolha laranja (através de meios revolucionários quando necessários)."

"Até agora, se consultar o dicionário, você verá que a principal diferença entre conservador e liberal é dada como: o conservador é tradicional, o liberal é progressista. E existe muita verdade nisso. Mas essa verdade está mudando..."

"Isto é, o liberalismo funcionou tão bem (mesmo em sua forma *flatland*) – na economia, na ciência, em problemas técnicos de direção, na produção de riqueza de livre mercado – a ponto de, passados trezentos anos, essas práticas laranja terem lentamente se tornado... conservadoras. A *nova* onda de vanguarda passou a ser, claro, a verde e, *portanto*, ser liberal ou progressista *agora* significa ter valores do meme verde – acarretando de muitas formas que, para ser um bom liberal, você deve *combater* os valores laranja anteriores. Assim, os valores liberais, que há alguns séculos eram a ponta de lança (e literalmente *revolucionários*), agora se tornaram os valores de muitos *conservadores*, que de fato passaram a abraçar e defender valores individualistas do Iluminismo e práticas de livre mercado – exatamente os valores que eles combatiam desesperadamente três séculos atrás! É óbvio que o outro subgrupo de conservadores mais influente se manteve arraigado aos 'antiquados' valores conservadores azuis, daí por que o conservadorismo hoje é uma estranha mistura de azul e laranja, da mesma maneira que o liberalismo hoje é uma estranha mistura de laranja e verde."

"Essa foi uma enorme mudança, com conservadores movendo-se para o laranja e liberais, para o verde. Porque, de repente, os liberais que foram do laranja para o verde não mais pregavam a

[25] AQAL – acrônimo de *All Quadrants, All Levels*. Termo que designa o Modelo Integral de Ken Wilber, no qual uma solução integral, na medida do possível, deve considerar "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas todos os estados e todos os tipos". (N.T.)

liberdade individual, mas o coletivismo; não mais a liberdade do estado, mas a intervenção estatal; não mais liberdade acadêmica, mas o pensamento politicamente correto. E esses liberais coletivistas – verdes progressistas – passaram agora a ser atacados em nome da liberdade individual pelos conservadores do meme laranja que se baseiam nos valores do Iluminismo (os mesmos valores que menosprezaram anteriormente)! E os liberais verdes começaram a atacar o Iluminismo e a modernidade ocidental com fúria – agredindo seus próprios pais! Mais estranho ainda, liberais verdes e conservadores azuis frequentemente encontraram-se na embaraçosa situação de juntar forças para encorajar o controle governamental da escolha individual: feministas liberais e conservadores radicais, ambos insistindo na proibição estatal de material pornográfico, por exemplo."

"Tudo isso faz sentido se nos lembrarmos de que os conservadores surfam as ondas de ontem, os liberais surfam as ondas de vanguarda. Mas nenhum deles, até agora, foi capaz de surfar a Espiral inteira. E esse é, exatamente, o problema. Ambas as posições, conservadora e liberal, são parciais, fragmentadas, alienadas e alienadoras."

"Consequentemente, eis o que temos hoje: a posição conservadora típica reconhece corretamente a importância do desenvolvimento interior (ou dos quadrantes do Lado Esquerdo), mas somente até laranja-azul; e desvaloriza os exteriores em geral. A fim de se tornar integral, o conservadorismo teria de reconhecer que (1) o desenvolvimento e distribuição exteriores (fatores dos quadrantes do Lado Direito) são geralmente desiguais e injustos para inúmeras pessoas e isto é responsável por muito do seu sofrimento; e (2) no interior, existem níveis mais elevados de consciência – e conjuntos mais altos de valores – do que o azul-laranja, e que o espectro inteiro de consciência e seus respectivos valores devem ser reconhecidos e considerados por qualquer sistema político de governo que almeje ser completo e, portanto, adequado ao mundo real, tanto em casa quanto no exterior."

"A posição liberal típica, por outro lado, move-se essencialmente do etnocêntrico (vermelho-azul) para as ondas de desenvolvimento iniciais do globocêntrico (laranja para verde) – um desenvolvimento evolucionário realmente mais elevado – apenas para se tornar refém de *flatland* e, desse modo, destruir a importância da hierarquia interior de crescimento que, em primeiro lugar, produziu sua própria nobre visão. Os valores do liberalismo sempre provieram das ondas *pós-convencionais* (seja no Iluminismo moderno ou nas formas de pluralismo pós-modernas). Mas, preso a *flatland*, o liberalismo, em todas as suas formas, deixou de perceber que NÃO é uma versão diferente de igualitarismo, mas sim de elitismo: a posição liberal em si exige o crescimento e o desenvolvimento da consciência e cultura para ondas pós-convencionais, globocêntricas – o que, até hoje na história, engloba apenas uma minoria de pessoas. Isto é, a postura liberal de tratar todos igualmente é uma postura considerada apenas por uma minoria de pessoas ao redor do mundo. Isto não é ruim; longe disso: é um simples lembrete de que o liberalismo se origina em ondas mais elevadas de evolução psicológica e cultural – e, portanto, relativamente raras."

"(Não considerando que, funcionando sob opacidade genealógica e falso igualitarismo de consciência, o liberalismo geralmente defende e até promove as ondas inferiores pré-convencionais, ondas que nada mais fazem do que deteriorar a autêntica consciência liberal, ao mesmo tempo em que se apropriam agressivamente de seus slogans liberais. Eu não vou discutir essa confusão pré/pós que assombra os salões do liberalismo contemporâneo, por mais importante que isso seja; ao invés, focalizarei os valores liberais de vanguarda propriamente ditos e as dificuldades inerentes que uma onda mais elevada de consciência sempre enfrenta no mundo em geral)."

“Uma vez que o liberalismo se origina de ondas de desenvolvimento relativamente elevadas, muitos problemas difíceis seguem em sua esteira. Exatamente porque o liberalismo historicamente representou a vanguarda – a fronteira inovadora, a ponta de lança – de evolução da consciência (em outras palavras: justamente porque ele é progressista) – tem, até agora, representado os mais altos níveis de desenvolvimento de tolerância psicológica, abrangência cultural e inclusão política: não políticas egocêntricas (o que é certo para mim), não políticas etnocêntricas (o que é certo para a minha tribo), mas globocêntricas: o que é certo para todas as tribos, todas as pessoas, todas as raças. Enquanto o mundo era azul etnocêntrico (exigindo uma crença rígida e dogmática em um deus absolutista, submissão a um único monarca, morte para todos os pagãos e infiéis), o liberalismo surgiu como laranja globocêntrico (demandando direitos universais para o gênero humano, sem distinção de raça, sexo, cor ou crença). Quando o mundo em si, ou mais propriamente os sistemas de sua elite governante, começou a transferir-se explicitamente para o laranja (abraçando valores liberais universais que resultaram na abolição da escravidão, no surgimento do feminismo, na introdução revolucionária das democracias representativas em torno do mundo), o liberalismo deu um passo adiante para o verde (exigindo que esses valores liberais universais fossem verdadeira e completamente aplicados a todas as pessoas, sem marginalizar ou oprimir ninguém).”

“Em todos esses exemplos, o liberalismo representou a próxima grande e mais elevada onda de *desenvolvimento* e *inclusão* de consciência; portanto, o liberalismo propriamente dito foi uma força motriz para cada uma dessas importantes expansões de teoria e prática políticas, estendendo e empurrando a tolerância e abrangência políticas do etnocentrismo até o verdadeiro globocentrismo (desse modo, surfando a onda de vanguarda de consciência e evolução cultural, que, como geralmente vimos, tende a fluir do egocêntrico para o etnocêntrico, até o globocêntrico).”

“Assim, em cada exemplo da nobre história do liberalismo, ele se mostrou como a ponta de lança de evolução da consciência – uma vanguarda de ELITE, nunca atingindo mais que talvez 10% da população total à época – e, mesmo assim, encontrando formas geralmente benignas de *impor seu elitismo aos outros*. Por exemplo, a Constituição Americana é, em sua maior parte, um documento do estágio moral 5 – uma declaração do meme laranja, baseada em valores do Iluminismo. Mas quando esse documento foi escrito – e finalmente aplicado como a lei do país – menos de 10% da população americana estava no estágio moral 5. O gênio dos Pais Fundadores foi ter descoberto uma forma de considerar essa rara postura elitista – que pretende igualdade e liberdade para todos – e aplicá-la à população inteira como a espinha dorsal de uma série de códigos legais e comportamentais que impunham isso; ainda que os indivíduos não estivessem no estágio moral 5 em seus próprios interiores, eles deveriam ajustar seu comportamento exterior a regras consistentes a atitudes do estágio moral 5 (por exemplo, você não é obrigado a gostar de mim, mas se me der um tiro, será preso). Desse modo, na melhor das hipóteses, as leis da América corporificaram uma tentativa de codificar respostas mais elevadas, pós-convencionais, globocêntricas – independentemente de raça, sexo, cor ou crença – aplicadas com o consentimento dos governados (o contrato social do estágio moral 5), ainda que essas leis, em termos evolutivos, estivessem muito à frente da maior parte da população. Assim, as estruturas legais, judiciais e políticas dos Estados Unidos atuaram, em seus melhores exemplos, tanto como uma posição elitista mais elevada imposta à maioria da população, quanto como um imã de desenvolvimento psicológico e cultural para as pessoas, que podiam crescer em valores globocêntricos de liberdade e igualdade embutidos e instruídos nas leis. Em resumo, a Constituição foi *um instrumento de transformação* – imprimiu um conjunto de valores pós-convencionais, globocêntricos, liberais ao país – diferentes dos valores hereditários, valores aristocráticos ou valores outorgados a um seleto grupo e negados à maioria; não, foram valores desenvolvimentistas – isto é, valores *que proporcionaram oportunidades de crescimentos para todas as pessoas*: é um elitismo, mas um elitismo ao qual todos estão convidados.”

“Havia justificativa para o liberalismo fazer isso? Certamente. Por quê? Porque o liberalismo representava, na sua essência, um conjunto de valores verdadeiramente mais elevado, mais vasto, mais expansível, originado da mais alta onda de consciência daquele período (no princípio, azul para laranja e depois, laranja para verde; a seguir, talvez... ainda mais alta? Voltaremos a esse ponto daqui a pouco).”

“Agora, vamos aos problemas. Eles são tão amplos quanto os do conservadorismo, e, essencialmente, pela mesma razão: nenhum dos dois é integral. Ambas as posições, liberal e conservadora, representam extensões muito importantes do espectro global, mas nenhuma representa o espectro propriamente dito – ambas são parciais, fragmentadas e, em última instância, opressivas.”

“O liberalismo insiste em que todas as pessoas sejam tratadas, legal e politicamente, de forma igual – o que certamente está correto nesse ponto de desdobramento; mas isso não significa, e não pode coerentemente significar, tratar todas as pessoas como tendo a mesma capacidade cognitiva, moral ou espiritual, o que, demonstravelmente, não têm. O liberalismo sabe plenamente disso, mas, constantemente, esquece e tende a escorregar da posição exaltada, ainda que nobre, de que ‘todos os valores devem ser tratados de forma justa e não prejulgados de acordo com raça, sexo, crença ou religião’ – para o conceito insípido e autocontraditório de que ‘todos os valores são, portanto, os mesmos, ponto final’.”

“A maioria dos liberais está ciente disso, mas quando enfatiza ‘liberdade, igualdade e igualitarismo democrático’ como se fossem, de fato, a totalidade dos valores liberais, ela incentiva uma visão de mundo *flatland* que deixa de notar que valores globocêntricos são melhores que valores etnocêntricos, que são melhores que valores egocêntricos – e, desse modo, na realidade, negam a hierarquia de crescimento que produziu sua própria postura, desencorajando sutilmente o crescimento interior e o progresso holárquico – uma agenda que, se seguida à risca, destruiria a fonte real de todos os valores liberais, a saber: as ondas pós-convencionais de desenvolvimento.”

“Tanto o liberalismo laranja do Iluminismo quanto o liberalismo verde pós-moderno esvaziaram os interiores, brutalizaram os quadrantes do Lado Esquerdo e deram ênfase quase total ao conserto dos exteriores (material e econômico) como o único meio de aliviar o sofrimento humano, deixando de perceber que, sem um crescimento interior correspondente de consciência e cultura (Quadrantes Superior Esquerdo e Inferior Esquerdo), não haverá nada para sustentar os desenvolvimentos exteriores no lugar. O liberalismo verde, em especial, afirma que nenhum sistema de valores é melhor ou pior que outros, e isso leva diretamente ao meme verde mau e aos horrores de boomerite, cortesias de uma maciça patologia de vanguarda. E acredite-me, onde menos se deseja encontrar patologias é na vanguarda.”

“Portanto, para que o liberalismo se transforme em integral, suas gritantes deficiências terão de ser reparadas (isto também vale para o conservadorismo): ambos estão apostando uma corrida para descobrir a primeira *política verdadeiramente integral* da história. Nós já vimos as duas principais mudanças exigidas do conservadorismo (reconhecer os exteriores em geral e reconhecer níveis interiores mais elevados que azul-laranja). Os passos correspondentes para o liberalismo seriam: (1) reconhecer os interiores em geral; isto é, reconhecer as ondas de desenvolvimento interior – a holarquia de crescimento – que produziu sua própria postura nobre, expandida, globocêntrica, e buscar formas de incentivar o crescimento interior (não forçá-lo, mas alimentá-lo, criando condições para que esse crescimento esteja disponível para todos – um dos objetivos originais de uma educação verdadeiramente liberal). O liberalismo típico esqueceu-se de um dos pontos centrais

de Kant: ‘liberdade’ não significa ser capaz de fazer qualquer coisa que se deseja; significa seguir seus próprios preceitos mais elevados. Repito: 'liberdade' não significa ser capaz de fazer qualquer coisa que se deseja (e, portanto, liberdade pessoal ou política não significa anarquia comportamental); liberdade significa seguir seus próprios preceitos mais elevados (e, assim, para existir liberdade pessoal e política faz-se necessário o desenvolvimento interior). Uma pessoa egocêntrica não é livre; é controlada por seus impulsos. Uma pessoa etnocêntrica não é livre; é controlada por seus preconceitos. Somente uma pessoa globocêntrica começa a respirar a atmosfera de uma liberdade e igualdade estendida a todos.”

“Em resumo, você não nasce livre; em qualquer parte do mundo, você nasce acorrentado. Mas pode se tornar livre, crescendo além de suas perspectivas estreitas para finalmente abraçar – e mergulhar na liberdade e plenitude de – uma consciência, globocêntrica, universal, não marginalizante.”

“Em outras palavras, não se é livre meramente possuindo todos os confortos materiais imagináveis, porque alguém no vermelho é escravo de seus impulsos, alguém no azul é escravo da sua mentalidade de rebanho, alguém no laranja é escravo da sua pulsão por lucro, alguém no verde é escravo da sua subjetividade. Somente na segunda camada, uma pessoa começa a transcender esses impulsos, pulsões e ditames menores, elevando-se, ao invés, para uma perspectiva do Todo fluido e fluente, permitindo que comecemos a ser verdadeiramente Livres e verdadeiramente Plenos em um abraço integral que dá lugar a todos.”

“Portanto, o segundo passo para o liberalismo tornar-se integral é... Bem, se o primeiro passo é o reconhecimento da necessidade de crescimento interior, bem como do crescimento exterior, o segundo passo envolve a necessidade de reconhecer interiores ainda mais elevados do que laranja e verde... Da mesma maneira que o conservadorismo tradicional precisa reconhecer ondas mais desenvolvidas que a azul-laranja, hoje o liberalismo pós-moderno precisa reconhecer ondas mais altas que a laranja-verde. Mas além do meme verde vem... a segunda camada. E amigos, isso mudaria tudo.”

Integral: a união de Conservadores e Liberais

Powell levantou os olhos. “Tudo bem até aqui?”

“Você está indo muito bem”, respondeu Margaret.

“Talvez, a principal característica da segunda camada seja que ela consiga captar o espectro de consciência inteiro e a espiral de desenvolvimento completa (pelo menos até a ponta de lança atual, que, no momento, é turquesa). Isto significa que o NOVO liberalismo, como *vanguarda* da cultura contemporânea – isto é, um liberalismo que saiu do verde para o amarelo/turquesa – faria algo que nenhuma filosofia política na história conseguiu fazer: reconhecer, harmonizar, inter-relacionar e integrar as ondas da espiral de desenvolvimento completa (até turquesa) – NÃO usando um pluralismo *flatland* (tentativa do verde de ser integral), mas um pluralismo holárquico (isto é, uma hierarquia de crescimento nidiforme, representativa de uma expansão crescente de cuidado e consciência). Cada meme, nível, estágio ou onda ainda tem um papel crucial a cumprir e continua sendo uma parte inestimável da Espiral inteira, não só porque cada onda júnior é um ingrediente necessário das ondas seniores (sem átomos não há moléculas), mas também porque cada hólon, júnior ou sênior, tem um papel vital a desempenhar em seu próprio nível. Nada é perdido; tudo é incluído, à medida que essa surpreendente Espiral percorre seu caminho desde os átomos até o Infinito.”

"Assim, uma política verdadeiramente integral teria por função integrar todas as ondas e memes através de, pelo menos, duas dimensões principais: já que cada onda é importante por si mesma, e já que muitos indivíduos passarão sua vida adulta em uma onda particular (alta, média ou baixa), uma cultura ideal ofereceria meios de integrar os quatro quadrantes para cada onda. Essa *integração horizontal* permitiria que qualquer pessoa integrasse *eu, cultura e natureza* (eu, nós e isso) em qualquer nível que estivesse. Além disso, uma política integral verdadeiramente de segunda camada permitiria um entrelaçamento das diferentes estruturas de valor através do espectro inteiro de consciência e da espiral de desenvolvimento – uma *integração vertical*. Nunca mais um conjunto específico de valores seria visto como o único conjunto de valores que deveria regular sistemas de governança. Todas as possibilidades da espiral de desenvolvimento seriam levadas em conta em qualquer processo de tomada de decisão integral. Os problemas técnicos continuariam a ser tratados pelas ciências sistêmicas do Lado Direito, mas as políticas, normas e ideais de governo refletiriam o espectro completo de valores humanos existentes na cultura em um dado tempo, e à medida que fossem se desdobrando e desenvolvendo no corpo social autogovernado. Seria a Espiral atuando em, e por, líderes políticos integrais que governariam não seguindo este ou aquele meme parcial. Isto é elitismo gerencial? Sim, de fato, exatamente como a vanguarda liberal sempre atuou. Mas novamente, é *um elitismo ao qual todos estão convidados.*"

"Resumindo esta parte: até agora, nem o conservadorismo nem o liberalismo têm sido integrais – nenhum deles é 'todos os quadrantes, todos os níveis'. O conservador típico promove as ondas azul/laranja e ignora ou desvaloriza os quadrantes do Lado Direito. O liberal típico promove as ondas laranja/verde e ignora ou desvaloriza os quadrantes do Lado Esquerdo. A fim de se tornarem integrais, ambos teriam de corrigir seus desequilíbrios, dando atenção aos quadrantes e níveis ignorados: os conservadores incluindo explicitamente os quadrantes do Lado Direito e os níveis mais elevados que o laranja; e os liberais, incluindo explicitamente os quadrantes do Lado Esquerdo e os níveis mais elevados que o verde. Acabamos de discutir cada um desses pontos."

"Mas uma política integral não seria conservadora nem liberal, não como as entendemos hoje. Até mesmo o liberalismo, que seria capaz de desfraldar a bandeira da política integral – simplesmente porque, como a ponta de lança da evolução cultural, seria o primeiro a atingir a segunda camada – tornar-se-ia um tipo de liberalismo que ninguém, absolutamente ninguém, já viu antes: um liberalismo que, no que diz respeito ao conservadorismo, NÃO afirma que 'Nós Estamos Certos e Eles Estão Errados' [26], um título de livro estranho para um líder amável e tagarela como James Carville, mas ao contrário, afirmaria 'Ambos Estamos Certos; Portanto, Que Diabo Nós Vamos Fazer?'."

Quando pararam de rir, Lesa Powell sorriu e continuou a ler suas notas. "Assim, referimo-nos a essa nova política integral por ambos os termos: *pós-conservadora* e *pós-liberal*, embora, francamente, acreditemos que a liderança provirá provavelmente de liberais altamente desenvolvidos que atinjam a segunda camada e, desse modo, (1) percebam que todos os memes, valores, estágios e ondas prévios precisam ser honrados em um pluralismo holárquico; (2) o que significa que não só a Espiral de Desenvolvimento completa precisa ser integrada (integração vertical), mas (3) tanto o Lado Direito quanto o Lado Esquerdo, ou o exterior e interior, precisam ser integrados (integração horizontal), de forma que (4) 'progressista' deixe de significar apenas progresso nas condições econômico-materiais, mas também possa, e deva, incluir o crescimento e desenvolvimento da consciência; tudo isso caracterizaria uma postura radicalmente *progressista* e, ao mesmo tempo, (5) profundamente *conservadora*, uma vez que todos os memes do passado seriam respeitados, preservados e aproveitados no desdobramento contínuo da consciência e cultura."

[26] Referência ao livro *We're Right, They're Wrong: A Handbook for Spirited Progressives* de James Carville. Carville, líder liberal, ficou famoso como estrategista da campanha vitoriosa de Bill Clinton à presidência dos EUA. (N.T.)

Lesa fez uma pausa após essa longa dissertação; ela havia falado por quase uma hora. “Bem, cheguei até aqui para a conferência. Preciso terminá-la com um esboço da posição política integral propriamente dita, bem como também com recomendações para ações – individuais e coletivas. Espero que vocês todos possam me ajudar nisso.” Ela passeou os olhos pela mesa.

Carla Fuentes foi a primeira a falar. “Puxa vida! Que caminhada! Eu sei que vamos tratar das respostas transpessoais e espirituais para o ataque terrorista, mas enquanto você lia, não consegui parar de pensar no WTC e sobre os diversos comentários políticos a respeito dele. E tristemente, tristemente, esta é a verdade: nenhum conservador ou liberal de qualquer ponto de vista existente é integral; nenhum deles considera todos os quadrantes em todos os seus níveis e linhas. Uma abordagem AQAL assumiria o melhor de ambos e descartaria suas limitações e parcialidades mutiladoras. O livro *Uma Teoria de Tudo* resume brevemente essa abordagem, mas ressalta que estamos aguardando uma aplicação detalhada da mesma em várias questões. Além disso, esse autor continua se repetindo, vocês não acham?” [27]

“De qualquer modo, no momento só temos interpretações conservadoras tendenciosas ou liberais ideológicas. Tudo que temos são pessoas muito inteligentes como Samuel Huntington apresentando-nos uma leitura de meme azul do choque entre blocos culturais etnocêntricos; ou um notável teórico do meme laranja como Thomas Friedman interpretando a situação mundial em termos da globalização de mercado; ou liberais verdes como Laclau e Mouffe reduzindo tudo a um discurso de como se rebelar contra a brutalidade do Ocidente. Independentemente de suas verdades parciais, todas essas análises azuis, laranja e verdes, baseadas em um único conjunto de interpretações de valores, são essencialmente limitadas e veem os fatos através de suas respectivas lentes, distorcendo inconscientemente os fatos restantes para os quais estão cegos. Cada uma delas tem uma incrivelmente importante peça do quebra-cabeça; nenhuma delas vê o elefante completo.”

Carla Fuentes meneou a cabeça e inspirou profundamente. “É inútil se ter liberais apenas exteriores gritando que a intervenção dos Estados Unidos em outras culturas matou cerca de seis milhões de pessoas ao redor do mundo. Através de uma análise AQAL, dever-se-ia mostrar qual teria sido o custo no caso de os Estados Unidos não intervirem e algum demônio, possivelmente pior, tirasse vantagem da situação. Além disso, dever-se-ia mostrar quais seriam as alternativas realistas baseadas em pesquisa genealógica e não em psicologia e política liberais *flatland*.”

“Claro que o poderio norte-americano é, de certa forma, o vilão nessa situação particular; a globalização – significando o expansionismo capitalista do meme laranja – é, em parte, culpada pelas causas do terrorismo. Eu lhes direi mais do que penso sobre essa encrenca daqui a pouco! Mas o que eu gostaria de ver é como qualquer outro país – França, Japão, Irã, Alemanha, Indonésia, Ruanda, Peru, Iraque – lidaria com *o mesmo poderio* em escala mundial. Eles se sairiam melhor, pior ou muito pior? Entenderam a situação? Até onde consigo prever, nenhum país consegue ou conseguiria lidar bem com essa massa de poder – com a possível exceção da Holanda, talvez o único país sadio na face do planeta, mas eles estão muito ocupados dando um jeito na vida para se obcecarem com o poder. É altamente provável que todos os outros se sairiam pior que a América, alguns por inacreditáveis ordens de grandeza – os mesmos países que berram como os americanos são criminosos. Que ridícula hipocrisia desses críticos triviais. Ainda assim, ruim é ruim, e a América é suficientemente ruim nesse aspecto. Se quisermos prevenir o terrorismo, devemos chegar às causas essenciais dele, não é? Mas só se conseguirá chegar às causas essenciais se usarmos uma lente integral.”

[27] Autocrítica bem-humorada do próprio Wilber, autor de *Uma Teoria de Tudo.* (N.T.)

Carla tomou fôlego e continuou veementemente. “Uma das razões por que continuamos ‘pegando no pé do verde’ é que ele é, presumivelmente, o mais elevado nível em grande escala da elite cultural. Ele domina a academia, a política liberal, os serviços sociais, a educação. E, portanto, seus embustes causam problemas que se multiplicam rapidamente e espalham-se pelo sistema social, um tipo de patologia em cascata. Na fase atual, boomerite, é um multiplicador de força. Desse modo, embora problemas vermelhos, azuis e laranja sejam catastróficos, reservamos, por assim dizer, uma sordidez particular para o meme verde mau. O verde responde: ‘Estou *muito* preocupado com esse tom insensível, vocês não estão?’.”

“Isso é parte do problema. O meme verde olha para as condições políticas atuais, aqui e no exterior, e com sua fixação inconsciente em *flatland*, sempre que vê um desequilíbrio hierárquico, é forçado a assumir que o dito desequilíbrio não é devido a fatores interiores (uma vez que *flatland* não reconhece nenhum interior), mas meramente a fatores exteriores impostos à situação por uma força imperial, opressora, malévola – normalmente, o Ocidente – e, desse modo, mantém-se cego para quaisquer fatores interiores que podem estar contribuindo para a situação (tal como o fato de que a cultura ocidental é a única que institucionalizou legalmente valores pós-convencionais, embora imperfeitamente aplicados). O Ocidente se transforma no demônio, e qualquer coisa não ocidental, como o gentil Taliban, deve ser uma vítima inocente. O crítico liberal vê a cumplicidade ocidental; o crítico conservador vê a culpabilidade do Taliban; nenhum deles vê o todo. O Ocidente é muito menos culpado do que creem os liberais do meme verde, e muito mais culpado do que os conservadores conseguem perceber.”

Margaret Carlton concordou com um movimento de cabeça. “Eu fiquei particularmente chocada com o fato de que o liberalismo pós-moderno – bem, como vocês sabem, o pós-estruturalismo pós-moderno realmente ataca o liberalismo tradicional agressivamente, de forma que os pós-modernistas afirmam que não são liberais em nenhuma hipótese. Mas como você sugere, Lesa, isto é simplesmente um ataque dos liberais verdes aos liberais laranja. A mesma transformação evolucionária que produziu duas principais subescolas de conservadorismo – ou seja, a azul tradicional (cujos valores pré-modernos tendem a combater os valores do Iluminismo moderno) e a laranja do mercado livre (que evoluiu englobando a maior parte dos valores do Iluminismo) – semelhantemente produziu duas importantes subescolas do liberalismo – a liberal laranja (representando os valores originais do Iluminismo de liberdade e igualdade individuais) e a liberal verde (que ataca veementemente o Iluminismo moderno e substitui seus valores de liberdade individual por direitos do grupo; como todos nós sabemos, a maioria das expressões verdes neste momento da história estão permeadas por boomerite e pelo Meme Verde Mau, de maneira que os liberais verdes ainda não descobriram sua expressão saudável. Da mesma forma, muitos convincentes esquerdistas laranja da causação exterior – por exemplo, Chomsky, Albert, Callinicos, Harvey – atacam agressivamente os esquerdistas tradicionais – tais como Zizek, Rorty, Laclau – mostrando que o que os divide – os níveis de consciência de valores – é tão importante quanto o que os une – a causação exterior. Todavia, qualquer conservador veria todos eles como sendo, bem, não conservadores).”

“Isto é, liberais laranja e liberais verdes são ambos liberais da forma que estamos usando o termo: eles culpam as circunstâncias exteriores pelo sofrimento humano (se você está sofrendo, a culpa NÃO é sua); portanto, eles sugerem melhorias sociais progressistas baseadas principalmente em redistribuição exterior, material e econômica (mudanças do Lado Direito) e, no caso do verde, extenso controle social do comportamento de discurso agressivo; ambos ignoram – em verdade, atacam a ideia de – hierarquias de crescimento interior (Lado Esquerdo) que geraram sua própria postura nobre, e, consequentemente, ficam sem condições de multiplicar seus insights nos outros (felizmente a evolução não depende deles!); ambos representam, ainda que não se deem conta, a

ponta de lança da evolução (embora sigam uma intensa filosofia *flatland* que nega isso); e, assim, ambos estão corretamente debatendo uma mudança política progressista para expandir o círculo de abraço e tolerância (egocêntrico a etnocêntrico, a globocêntrico)."
"Uma rápida pergunta", interrompeu Derek. "Concordo em que os liberais geralmente definem a maioria das causas do sofrimento humano como sendo exteriores. Mas os verdes ou esquerdistas progressistas falam de subjetividade, sentimentos, interpretação e interiores o tempo todo – simplesmente porque os verdes falam de interiores o tempo todo. Isso não é causação interior?"

"É conversa interior, mas não causação interior. De fato, a Esquerda verde pós-moderna fala sobre interiores, sensibilidade, cuidado, atitude não marginalizante e assim por diante. Mas quando trata das causas do *seu* sofrimento, *todas* são exteriores. Isto é, você não sofre porque *você* não desenvolveu sua própria consciência; você sofre porque outra coisa (a saber, o Iluminismo Ocidental) oprime você, é insensível a você, marginaliza você, e assim por diante. Se você está sofrendo, é porque você é uma *vítima*, não um agente causal responsável por sua própria situação. Quando se trata dos seus valores, eles não podem ser julgados inferiores simplesmente porque não devem ser julgados sob nenhuma hipótese, o que retira de cena a causação interior."

"Entendi."

"De qualquer modo, como comecei a dizer, é realmente triste que o liberalismo pós-moderno verde venha defendendo gritantemente o igualitarismo de valores e, assim, tenha deixado de ser progressista sob qualquer forma consistente. Carente de uma visão coerente de como e por que a sociedade pode ser melhorada baseada em valores normativos, desenvolvimentistas, evolucionários e progressistas, ele se volta para um programa de melhoria social baseado apenas em redistribuição material e econômica e em totalitarismo comportamental, nunca uma grande ideia. Daí por que, como ressaltado por críticos desde Habermas até Taylor, os pós-modernistas muito frequentemente acabam se tornando reacionários. A real maldição do pós-modernismo: é profundamente reacionário porque, perdido no pluralismo *flatland*, não consegue gerar uma força de tração que estabeleça um desenvolvimento normativo, progressista, visando a uma melhoria da situação atual (exceto quanto à sua afirmação padrão de que as coisas seriam muito melhores se todo mundo simplesmente concordasse com eles e abraçassem universalmente a ideia de que não existem universais que valham a pena ser abraçados). Em vez de perceber que os valores não marginalizantes de igualdade surgem somente em ondas mais elevadas, eles estendem o conceito de igualdade para pessoas *que não responderão ao cumprimento*, e não conseguem compreender por que isso não funciona! A sociedade acaba não indo a lugar nenhum ou a andar para trás – especialmente indo de direitos globocêntricos a meros direitos etnocêntricos – e, desse modo, os pluralistas pós-modernos acabam se tornando profundamente reacionários e excludentes, como prova a polícia do pensamento politicamente correto." Carlton inspirou profundamente e riu. "Bem, *jeepers creepers* [28]."

"*Jeepers creepers*? Certo. Acho que o principal problema ao tentar se discutir os fatos com os conservadores e os liberais é que, na maior parte das vezes, seus fatos estão corretos", comentou Charles Morin. "Acho que você mencionou isto, Lesa. Por exemplo: não é que a América não tenha responsabilidade em milhões de mortes em todo o mundo, como afirmam os liberais. O problema é que esses fatos são uma *seleção* entre milhões de outros fatos referentes ao caso, e que os liberais típicos, examinando-os com uma lente laranja ou verde, simplesmente não veem, e não conseguem ver, que esses outros fatos podem ser igualmente relevantes. Desse modo, não se reportam a eles.

[28] Referência ao filme *Going Places* de 1938. *Jeepers Creepers* é um cavalo selvagem que só consegue ser acalmado quando Gabriel (personagem de Louis Armstrong) toca em seu trompete ou canta a canção "Jeepers Creepers", composta por Gabriel especialmente para ele. (N.T.)

Portanto, suas interpretações globais são tendenciosas. Os liberais, como disse Lesa, enfatizam especificamente os fatores exteriores ou do Lado Direito, e, assim, quase nunca levam em conta os fatores interiores ou do Lado Esquerdo que são tão importantes – e, geralmente, até mais importantes que os fatos exteriores – na decisão dos problemas. Mas seus fatos exteriores geralmente estão corretos, embora altamente seletivos, e ao discutir apenas esses fatos, eles se convencem de que estão absolutamente certos em sua análise – ou, pelo menos, mais corretos que as interpretações alternativas."

"Oh, eles *são* geralmente mais corretos que as alternativas, porque as alternativas são ainda piores!", comentou Fuentes.

"Sim, sem dúvida. Mas o conservador entra em cena – Huntington é um bom exemplo – e diz para o liberal (usando nossos termos): 'Ei, espere um minuto, vocês, liberais, estão discutindo economia laranja ou direitos humanos verdes enquanto a maior parte do mundo – cerca de 70% – está no vermelho e azul. Não se trata de dinheiro ou direitos; trata-se de cultura e identidades. E vocês, liberais, simplesmente não conseguem ver que as maiores ameaças no mundo de hoje provêm de um choque de culturas e valores, não de negócios e dinheiro – provêm de tribos vermelhas e de fanáticos religiosos azuis.'."

"Concordo", disse Jefferson. "Um dos grandes quebra-cabeças da sociologia moderna tem sido: por que a religião não sumiu? Por "religião', claro, os sociólogos entendem magia roxa e mitos vermelho-azuis. Eles achavam que a racionalidade laranja poria fim a tudo que é mágico e mítico – e quando, decididamente *não* o fez, eles coçaram a cabeça. Mas o fato mais espantoso sobre a Espiral de Desenvolvimento é que todo mundo, em qualquer cultura, nasce na estaca zero, nasce no bege, e deve começar seu desenvolvimento a partir daí. Portanto, toda vez que seres humanos, em qualquer lugar, copulam, o mundo produz um novo estoque de tribos vermelhas e de fundamentalistas azuis. Porque todo mundo começa no bege e sempre se desenvolve por essas ondas. E a menos que facções vermelhas e azuis evoluam para uma cultura laranja ou mais elevada, elas continuarão vermelhas ou azuis; suas ações não estarão contidas em uma cultura que impõe códigos de comportamento pós-convencionais (como, por exemplo, não lhes é permitido matar alguém pelo fato de professar uma religião diferente da sua). E, portanto, de uma forma ou de outra, essas culturas egocêntricas e etnocêntricas declararão guerra a todas as culturas globocêntricas. Claro, as subculturas vermelhas e azuis em sociedades laranja-verdes também declararão guerra aos valores globocêntricos, como atestam as gangues de rua de qualquer cidade americana e os tele-evangelistas. Mas, mais cedo ou mais tarde, as culturas globocêntricas dar-se-ão conta disso."

"Em outras palavras, compreenderão que as ameaças reais não provêm de *outras culturas* por si mesmas, mas dos níveis mais baixos de desenvolvimento de consciência *de qualquer cultura*, inclusive da sua própria, E que esses 'níveis mais baixos' são e sempre serão um *ingrediente* e *fundamento cruciais* de quaisquer dos níveis mais altos, de forma que você não pode... bem, você não pode fuzilá-los, eliminá-los em uma câmara de gás, oprimi-los, reprimi-los ou marginalizá-los, porque eles são suas próprias raízes, *literalmente* – e, portanto, de acordo com a Diretriz Fundamental da segunda camada, é seu dever protegê-los e promover a saúde da Espiral inteira, e não apenas a de uma onda ou meme particular, por mais 'humilde' que possa parecer."

"O movimento fascista – a ocorrência de Auschwitz – capta vagamente a hierarquia de desenvolvimento, mas ignorantemente, maleficamente, imagina que se pode arrancar as raízes e as folhas florescerão ainda mais. O movimento comunista – a ocorrência do Gulag – também capta vagamente a hierarquia de desenvolvimento, mas, igualmente, ignorantemente, maleficamente, imagina que você pode ajudar as raízes igualitárias cortando as folhas. O fascismo destrói o que

entende ser o mais baixo a fim de ajudar o mais alto; o comunismo faz o contrário. Ambos são bosta. Não se pode cortar a Espiral pela metade e esperar que a outra metade sobreviva."

"Bem, retornemos ao ponto essencial", Jefferson sorriu. "Antes de tomarmos um rumo de ação, precisamos – primeiramente – de uma análise muito mais integral da situação nacional e internacional, uma análise AQAL – todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas – um historiográfico integral da situação presente, a fim de obter uma resposta mais adequada. Caso contrário, não podemos realmente dizer qual seria uma resposta adequada já que ninguém – e, enfatizo, ninguém – teria feito, primeiramente, uma análise integral. Receio que até mesmo nós, simplesmente, não temos todas as informações necessárias, muitas delas secretas, que nos permitam proceder a uma avaliação AQAL. Mais uma razão por que precisamos desesperadamente de líderes integrais aqui no país e no exterior."

"Daí por que", complementou Morin, "confiamos tão pouco nos comentaristas políticos atuais. Como estava dizendo, não existe tal coisa como apenas reportar os fatos, porque todos os fatos são uma seleção, e toda seleção é vista por uma lente de valores. Os fatos não são criados por valores, mas são selecionados por eles. Os conservadores azuis reportarão as atividades de uma rede odiosa de terroristas em torno do mundo. Isto é verdade. Mas, em seguida, o azul dirá que esse é um exemplo claro do bem contra o mal e que estamos sendo injustamente atacados. Por outro lado, os liberais verdes ressaltarão que muitos desses terroristas foram de fato treinados pelos Estados Unidos. Isto também é verdade. (Osama bin Laden foi recrutado e treinado pela CIA para lutar contra os russos no Afeganistão – alguns afirmam que o objetivo era incitar os russos a lutar em primeiro lugar.) Assim, os liberais verdes dirão que, obviamente, estamos sofrendo nas mãos de nossa própria agressão e fome de poder, e até que mudemos nossos modos, não temos o direito de culpar ninguém. E assim segue a guerra de interpretações continuamente fragmentadas. Ambos os conjuntos de fatos são verdadeiros; mas ambas as interpretações são parciais, tendenciosas, distorcidas e desorientadoras. Agir de acordo com qualquer uma delas levará a mais problemas do que soluções."

"Ouço constantemente", atalhou Powell, "que a América encena esse grande show idealista, mas que raramente, ou nunca, está à altura dele. 'Estamos protegendo a paz e a liberdade' é apenas um código norte-americano para 'minha liberdade para dominá-lo culturalmente e estuprá-lo'."

"Claro que a América não está à altura de seus ideais", retrucou Carlton, "porque nós – como todo mundo – temos os memes vermelho e azul por toda parte, sequestrando as estruturas mais elevadas para seu próprio uso moralmente lasso ou até mesmo criminoso. O que não é razão para condenar as estruturas mais elevadas propriamente ditas, embora saibamos que elas também não são perfeitas. Novamente, dada a historiografia do mundo, temos de considerar as opções realistas a fim de avaliar mérito e culpa. É óbvio que sempre que se tem um país grande e poderoso como os Estados Unidos, ele tende a se agigantar em qualquer lugar e o mundo tem o direito de se ressentir disso. Mas há que se ter algum tipo de equilíbrio nesse caso."

"Portanto, eis a questão: *Qual é a abordagem integral para a situação*?", disse Morin. Após um longo silêncio, explodiu uma retumbante gargalhada entre os presentes.

"Sim, e qual é a explicação exata para Deus, a Vida, o Universo e Tudo?"

"Você também ainda não descreveu a resposta da terceira camada para o ataque", comentou Margaret Carlton, tocando suavemente a mão da Lesa. Mais uma vez, senti eletricidade no *meu* corpo.

“Um milagre de cada vez”, sorriu Joan.

“Vamos tentar o seguinte”, Morin sugeriu. “Discutamos a resposta geral das ondas transpessoais ou espirituais para o ataque terrorista, e depois paremos para refletir sobre uma abordagem integral global para o problema. O que vocês acham?”

Todos concordaram com um aceno de cabeça. Jefferson olhou ao redor. “Está bem, quem gostaria de apresentar o resumo da resposta da terceira camada? Como posso expressar isso de forma delicada? Quem nós achamos que melhor conhece a terceira camada?” Após um momento de silêncio, várias vozes disseram: “Joan” ou “Lesa”.

“Joan, querida, você faria isto, por favor?” Lesa perguntou. “Eu estou exausta.”

Por alguma razão, Joan olhou diretamente para mim, o céu colidiu com o céu e abriu-se em um infinito brilhante, estrelas emergiram das sinapses do meu cérebro, trovões ribombantes substituíram o bater de um coração roto e despedaçado – tudo isso em um nanossegundo. Joan: como eu poderei retribuir-lhe algum dia?

PARTE III: AS ONDAS ESPIRITUAIS RESPONDEM

A Alma do Mundo

“Muito bem, meus queridos, farei o melhor que puder. Na terceira camada temos quatro ondas básicas de consciência – psíquica, sutil, causal e não dual. Começarei tentando descrever a onda psíquica e sua provável resposta ao ataque terrorista.” Ela fechou os olhos e pareceu entrar em outro estado, ou em alguma parte de si mesma, e sua pele ficou ainda mais translúcida que o habitual.

“A onda psíquica, a onda seguinte à turquesa, começa a entender que o universo não é meramente físico, mas psicofísico. Portanto, ela progride da *ideia* turquesa de uma espiritualidade cósmica ou unidade cósmica para uma *experiência direta* dessa unidade – uma consciência cósmica imediata. Por mais 'estranho' que isso pareça, as evidências interculturais da existência desse estado são impressionantes; alguns dos maiores filósofos e psicólogos do mundo testemunharam essa realidade – desde William James a Henry David Thoreau, até, pasmem, o pragmático Bertrand Russell. Na verdade, essa experiência é geralmente a base do que é conhecido como misticismo da natureza.”

“Porém, toda onda tem suas formas saudável e patológica, e místicos da natureza frequentemente interpretam mal sua experiência de unidade com a natureza *como oposição* à cultura humana. Emerson corrigiu esse erro referindo-se ao misticismo da ‘natureza-nação’; em outras palavras, a Alma Mundial, a Alma Superior, é a essência divina tanto da natureza quanto da cultura. No misticismo sadio da natureza-nação, você vivencia a unidade com lagos e moinhos de vento, nuvens e carros, cavalos e cavalos-vapor. Claro que você trabalhará para minimizar a pegada humana na biosfera, mas você não faz isso tornando a biosfera absoluta.”

“Um profundo insight tende a acompanhar o misticismo da natureza-nação: de algum modo incrivelmente profundo e misterioso, tudo que acontece é uma peça única. Há realmente algo chamado 'bom' aqui e algo chamado 'ruim' lá. Mas ambos são partes necessárias dessa grande obra de arte chamada manifestação. Da mesma maneira que uma bela pintura tem luz e sombras escuras, este mundo necessariamente tem bondade e maldade, prazer e dor, vida e morte: você não conseguiria perceber o mundo sem essas polaridades; ele nem sequer existiria como um evento manifesto.”

“Ora, a pessoa média busca a felicidade tentando encontrar metade dos pares de opostos: tentando achar prazer sem dor, vida sem morte, bem sem mal, saúde sem doença, esquerdo sem direito, dentro sem fora, acima sem abaixo. Não o místico, que, ao invés, regozija-se na unidade dos opostos, o amplo jogo de pares que eroticamente se unem ao longo do domínio manifesto, sua felicidade secreta iluminando a noite com gritos de seu incontido deleite.”

“Os grandes textos místicos do Ocidente e do Oriente sempre falam, de forma velada, sobre o liberto, o iluminado, o desperto, aquele que compreende o supremo segredo do universo. E você sabe como esse iluminado é descrito? Ele ou ela, dizem, está '*livre dos pares*'. Livre dos pares de opostos, livre do pesadelo dualista de rasgar o universo em dois e tentar identificar-se com apenas metade da realidade, ao mesmo tempo em que se afasta da outra metade. Você também se rasga pela metade, e essa condição de separação e divisão é conhecida por muitos nomes, o mais comum sendo sofrimento. Pois a *inteireza* jaz na outra direção, completamente livre dos pares.”

“E assim a mensagem secreta ecoa, do *Bhagavad Gita* no Oriente:

Contente em ter o que provém de si mesmo
Não tomando conhecimento dos pares
Não apegado ao sucesso ou ao fracasso,
Mesmo em ação, não se sente constrangido.
Ele é considerado como eternamente livre
Aquele que não detesta nem almeja;
Pois se libertou dos pares,
E é reconhecido como o desperto."

"Ao Evangelho de Tomé no Ocidente:

Jesus lhes falou:
Quando transformarem o dois em um, e
Fizerem do interior o exterior
E do exterior o interior e do acima
O abaixo, e quando
Unificarem o masculino e o feminino,
Então entrarão no Reino."

"Ao incomparável Lao-Tsé, sábio de toda a humanidade:

Existe alguma diferença entre sim e não?
Existe alguma diferença entre bem e mal?
Devo temer o que outros temem? Que tolice!"

"Vejam, almas queridas, é verdade: a grande Alegria do místico da natureza-nação reside na abençoada união dos opostos. Ele ou ela não se regozija com a luz conquistando a escuridão, ou com o bem conquistando o mal, ou com a vida conquistando a morte, mas com o misterioso jogo de luz e trevas milagrosamente mantidas unidas na Felicidade da manifestação propriamente dita. De alguma forma, tudo é eternamente certo. Não importa quão escura é a escuridão, quão dolorosa é a dor, quão má é a maldade, o místico sabe que tudo faz parte da grande pintura da Vida. Até mesmo quando lutamos para atenuar o mal – e devemos fazê-lo – e punimos o erro – e devemos fazê-lo – e trabalhamos incessantemente para reparar as injustiças – e devemos fazê-lo – há uma sensação de que o mundo é Profundamente Certo. Como expresso pelo querido Aldous Huxley: 'E então surge a sensação de que *apesar de Tudo* – suponho que essa seja a Convicção Mística Suprema – apesar da Dor, apesar da Morte, apesar do Horror, o universo, de alguma forma, está Completamente Certo, com C maiúsculo...'."

“As pessoas que não tiveram essa experiência de consciência cósmica geralmente ficam confusas nesse ponto. Elas acham que, já que você vivencia essa Correção básica do universo, não deveria ficar indignado com o ataque terrorista. É exatamente o contrário! Já que se apoia na inabalável certeza da perfeita Correção do mundo, você tem condições de ficar total, absoluta e apaixonadamente indignado. Você não chorará pelas vítimas, você não chorará por si mesmo, você chorará por toda a humanidade, a situação fluindo através de você com uma dor e intensidade que derreterão seus neurônios, empolarão sua pele, arrancarão seus olhos das órbitas: você chorará por cada ser senciente único que já viveu, chorará por cada leoa que perdeu um filhote, por cada marido que perdeu uma esposa, por cada mãe que perdeu um filho, por cada perda em cada mundo concebível – sofrerá com uma dor tão insuportavelmente iníqua a ponto de lançar-se ao chão e implorar a Deus e à Deusa para que, por favor, parem com tudo isso.”

“E mesmo assim – paradoxalmente, misteriosamente, profundamente – por baixo de todo esse sofrimento horrível, horrível, *horrível*, jaz aquela inabalável Alegria na Correção básica de tudo. A pacífica felicidade do simples sentimento de Ser é sua companheira constante; você é um com o sol e a lua e as estrelas radiantes; um com as grandes cidades, os aviões e trens e automóveis, um com todas as maravilhas da manifestação que surgem, não ao seu redor, mas dentro de você – uma Alegria tão poderosa que normalmente dificulta sua respiração, uma Excitação que flui ao longo do seu corpo, dos pés à cabeça, e desaparece nos céus feliz por saber notícias suas. Você segura a Terra na palma da sua mão, abençoa as galáxias que adornam sua cabeça, chora como a chuva que molha da mesma forma a natureza e as nações. Suas lágrimas compassivas e torturas empáticas surgem na plena Certeza e na rodopiante Alegria da Alma Mundial que é sua própria Alma Superior, e a Alma Superior sussurrará suavemente em seu ouvido: ‘Eu estarei com você, até os confins do mundo. Como algo poderia se perder?’.”

Margaret Carlton chorava discretamente enquanto Joan falava e eu me perguntava, como sempre fazia na presença de Joan, como era possível que alguém como ela pudesse estar entre nós...

“E você também sentirá raiva, raiva da forma que pode ser sentida quando não se tem mais medo de ferir o mundo, pois o mundo em sua Correção básica não pode ser ferido; assim, *você tem condições* de sentir raiva – senti-la completamente, sentir toda a raiva que já foi sentida: a raiva do pai cuja filha foi morta, a raiva da pessoa cujo melhor amigo foi assassinado, a fúria absoluta de um marido cuja esposa foi estuprada e o corpo abandonado: você é a Alma, a Alma Superior da humanidade, e, portanto, sentirá tudo que a humanidade já sentiu – e absorverá tudo, porque você tem condições. Sua ira alcançará o infinito, em seu sangue circulará plutônio, seu coração sentirá como Hiroshima, você experimentará ódio e o desejo incandescente de matar e matar um milhão de vezes. Você comerá isso tudo, absorverá isso tudo, você abrir-se-á, dará um passo atrás e o curso inteiro da natureza e das nações o atropelará, brutalizando sua psique, deixando os interiores de sua alma despedaçados e horrivelmente sangrentos – porque você tem condições. Você não absorve apenas a luz, apenas o amor, apenas o cuidado – todos esses são opostos dualistas, tão rançosos em si mesmos quantos suas imagens especulares de ódio, mal e ira. Não, você absorve tudo, absorve o próprio universo, porque, na verdade... *você... é... o... universo* – em seu jogo maravilhosamente misterioso de luz e treva, alegria e tristeza, coragem e medo, terror e encantamento.”

“Agora você compreende a união secreta dos pares, a derradeira unidade de todos os opostos, e nunca mais entrará o jogo de procurar por luz sem escuridão, prazer sem dor, bem sem mal, esquerda sem direita, acima sem abaixo. Livre dos opostos, você jaz na inabalável Confiança da Correção básica do universo inteiro, e pelo incomensurável espaço aberto que você agora é, os opostos virão e irão, movendo-se para um destino que não é mais exclusivamente seu. Você é agora

cada nação e toda a natureza que já existiu – seu Coração é imenso, almas queridas, seu Coração é gigantesco."

"Como você poderia ser apenas um americano; como você poderia ser apenas um terrorista? Você é todos eles, aqui e agora, em um Coração que abraça o mundo inteiro e não escolhe este ou aquele lado do eterno jogo dos opostos. A ira do americano e o desespero do terrorista fluem através de você como um impetuoso e perturbador terremoto que somente um Coração tão grande quanto o cosmo possivelmente pode suportar."

"E mesmo assim... exatamente ao mesmo tempo, você com certeza consegue reconhecer o certo e o errado relativos – os opostos se unem, mas não se obliteram; assim, você se esforçará o máximo possível para fazer o bem, evitar o mal, reparar a injustiça, curar o doente, acolher o desabrigado, alimentar o faminto, refrear o imperialismo, erradicar o terrorismo. Apenas por que você nunca, nunca mais, acreditará que o jogo de opostos em si nada mais é que um pesadelo transitório para assustar crianças."

Rumo a uma resposta integral

Joan parou por um longo tempo. A luz mudou na sala; parecia vir dela; além disso, Joan conseguia curvar o espaço – esse foi o efeito que primeiro notei nela, naquele milagroso dia em que adentrei o Centro Integral e sucumbi à cadeia de eventos que por fim terminaria com a minha vida, deixando minha alma flutuando no mostruário do destino.

Joan olhou para todos os presentes. "Talvez devêssemos parar por aqui e discutir uma abordagem integral para o terrorismo, que incluísse não só a espiral até o nível turquesa, mas também os domínios transpessoais. Em seguida, poderíamos voltar e discutir os outros domínios transpessoais. O que vocês acham?"

"Acho bom", disse Margaret Carlton. "Já chorei o suficiente por agora."

Lesa se debruçou, apertou o ombro da Margaret e sorriu. Ela olhou para Hazelton. "Joan, como você vê um estágio ou estado equilibrado como o da consciência cósmica afetando soluções práticas para esses problemas? Grande parte das pessoas consideram essas experiências muito misteriosas, esquisitas, fantasmagóricas ou ocultas para ter qualquer significado prático."

"Bem, almas queridas, até onde consigo ver, na prática, isso se traduz em um ponto de ação singular relacionado ao ataque terrorista. O objetivo básico da segunda camada é, claro, honrar e integrar a espiral de desenvolvimento inteira – *a Diretriz Fundamental*. Em outras palavras, é a saúde da Espiral completa, e não uma onda ou meme particular, que é o imperativo ético primordial. Muito bem, a terceira camada é a fonte real da Diretriz Fundamental – a essência divina do desejo radiante de incluir todos os seres sencientes em um abraço integral de Liberdade e Plenitude. E isso significa, em termos de recomendações práticas para linhas de ação, que qualquer experiência de terceira camada reforçará intensamente a Diretriz Fundamental."

"Em outras palavras, a melhor linha de ação é aquela que satisfaça o maior número de memes de valor ao longo do Espectro inteiro, mas distribuídos pelo meme turquesa, instruídos pela terceira camada."

"Uau, isso é um prato cheio!", Fuentes riu. "Um passo de cada vez, para estúpidos como..., bem, eu ia dizer 'eu', mas não seria certo. Para estúpidos como Derek."

Derek quase sorriu. “Você é sempre uma fera, Carla.”

“Muito bem”, continuou Joan, “existe outra forma de apresentar a Diretriz Fundamental: na verdade, ela é a mesma coisa que a Intuição Moral Básica – isto é: proteja e promova a maior profundidade para a maior amplitude. A Diretriz Fundamental não diz: proteja e promova APENAS a profundidade, ou somente os memes mais elevados – não só isso representaria menos de 2% da população mundial, como omitiria o fato de que os memes juniores são componentes dos memes seniores, e, desse modo, ignorar o júnior é matar o sênior. (Esse elitismo rançoso é a proposta de Auschwitz.) Nem diz: proteger e promover APENAS a amplitude, ou somente o denominador comum mais baixo, porque sem os memes seniores, os memes juniores perdem muito significado. (Essa seria a proposta do Gulag.) Não, a Diretriz Fundamental diz: aja para promover a maior profundidade para a maior amplitude em todos os seres sencientes – promova a saúde da Espiral completa – e exatamente *como* fazer isso é o grande campo da intuição moral e sabedoria prática, porque não existe resposta instrumental que seja única ou melhor. Isso não é matemática; é o complicado mundo de carne humana e suas interações.”

“Podemos entender a ideia geral, a saber: de alguma forma, tente equilibrar a sabedoria dos memes seniores com a importância fundamental dos memes juniores, pois nenhum deles pode ser ignorado, desvalorizado ou enganado sem consequências terríveis para a Espiral completa. Portanto, a melhor linha de ação tem algo para todo mundo – algo para cada meme – mas, gentilmente, tende para ações inspiradas por Eros, ou tende para as ondas de consciência mais elevadas, mais amplas, mais profundas para todos.”

“Portanto, quanto à linha de ação específica a ser seguida em resposta aos terroristas, uma abordagem mais integral recomendaria ações que pudessem ser justificadas com base em princípios morais de segunda camada animados por insights de terceira camada – isto é, a Diretriz Fundamental – mas formulados e explicitados de forma a entrar em ressonância até certo ponto com todos os memes, do mais baixo ao mais alto, e com seus valores e necessidades momentâneas. O que queremos fazer é propor ações que satisfaçam tantos memes quanto possível, embora não pelas razões dadas por qualquer meme (por exemplo, poderíamos decidir, baseado em arrazoado moral de segunda camada, que é justificável matar os terroristas, uma ação que satisfaria os vermelhos e azuis, mas uma ação que, idealmente, não seria motivada por suas razões, ou seja, vingança. Isto ficará claro à medida que prosseguirmos).”

“Resumidamente, eis aqui as necessidades básicas das principais ondas ou memes e os tipos de respostas ao ataque que eles prefeririam:

Bege – necessidades fisiológicas, água, alimento, abrigo, segurança; necessita restabelecer a segurança física rompida pelo ataque.

Roxo – vínculo emocional, necessidades vitais, identidade orgânica, tribal ou familiar; precisa restabelecer o ‘nós’ contra o ‘eles’ emocional; retaliará para fazê-lo.

Vermelho – domínio, controle sobre grupos rivais; gostaria de matar os terroristas, ponto. Qualquer razão serve; simplesmente mato os desgraçados, o que restabelecerá meu controle.

Azul – necessidade de certeza e estabilidade (não meramente física, mas em termos de valores e princípios); os terroristas ameaçam verdades eternas e precisam ser derrotados; uma cruzada contra os disseminadores do mal; marcha pela bandeira, por Deus, pelo nacionalismo: unidos venceremos, divididos sucumbiremos; esse é um caso simples do bem contra o mal – os terroristas precisam ser

eliminados porque o ataque ao bem exige punição; somente ‘fazendo justiça’ o caminho do bem e da verdade pode ser restabelecido.

Laranja – necessidade de realização individual, excelência, progresso, lucro. O ataque foi uma agressão à civilização e à liberdade; os terroristas precisam ser detidos; se os matamos ou não é menos importante que o fato de restabelecermos estrategicamente o livre mercado, os negócios, a democracia, a indústria, o progresso, o lucro.

Verde – necessidade de atenção à comunidade, compartilhamento de sentimentos, laços subjetivos, autoexpressão, tentativa de respeitar pontos de vista múltiplos; o ataque é uma oportunidade de união para restabelecer a comunidade e reafirmar a paz e a não violência, que são a única postura correta. Devemos ter amor em nosso coração, não retaliação militar, que só aumentará a opressão e agravará o problema.

Segunda Camada – agindo através de uma visão de padrões do todo, como posso melhor facilitar a saúde da Espiral inteira? Agir no sentido de apoiar e promover ações baseadas na Diretriz Fundamental – isto é, ações que promovam a maior profundidade para a maior amplitude. Apoiará ação militar em defesa da Diretriz Fundamental (isto é, assumirá a visão de ação militar de Krishna-Arjuna se justificada, da mesma forma que a Terceira Camada).

Terceira Camada – na Correção essencial do Kosmos, todas as coisas surgem exatamente como devem; portanto, paradoxalmente, devo trabalhar com mais afinco pela saúde da Espiral completa. *Não há outros a salvar*; assim, *eu juro salvá-los todos*. Na prática, apoia a Diretriz Fundamental.”

Joan concluiu o resumo e fez uma pausa.

“Portanto”, Charles refletiu, “parece que todos os memes, exceto o verde, apoiam uma possível retaliação militar.”

“Bem”, replicou Jefferson, “a segunda e a terceira camadas a apoiam, se justificada. Isto significa que para ser estrategicamente legitimada, deve-se usar, no mínimo, cognição amarela. O problema é que, como antigo membro do Exército, tenho dúvidas de que possamos ser militarmente efetivos neste caso. Se os russos não conseguiram derrotar o Afeganistão, não sei o que nos faz pensar que possamos.”

“Permitam-me ressaltar que, idealmente, a ação militar seria sancionada por adequados fóruns legais internacionais – mas, uma vez que a Organização das Nações Unidas o fez, assumiremos que a permissão já foi dada. E no melhor de todos os mundos possíveis, simplesmente capturamos bin Laden, levamo-lo para Haia, colocamo-lo em uma cela com Slobo Milosevic e outros prazenteiros assassinos, e julgamos o bando inteiro de acordo com o direito internacional. Mas a Interpol não atua no Afeganistão Setentrional; portanto, devemos ir por conta própria; fico preocupado sobre o quão seremos bem-sucedidos. Em outras palavras, moral e legalmente, a ação militar se justifica; taticamente, tenho dúvidas.”

“Por outro lado”, interrompeu Margaret Carlton, “só porque a maioria do memes deseja agir militarmente não significa que isto seja correto.”

“Sim, mas não é disso que estamos falando”, lembrou-lhe Joan. “A maior profundidade para a maior amplitude significa que respostas das segunda e terceira camadas recebem peso maior; ambas concordam que, se justificada, a ação militar pode ser aconselhável, porque, em certos casos, não

usar violência leva diretamente a maior violência incontrolada. A pergunta agora é: a ação militar pode ser justificada, não só em bases morais e legais – pois ela pode – mas em termos táticos e estratégicos – e Mark acha que não."

"Receio que por mais que discutamos a ação militar", ponderou Jefferson, "nenhum de nós tenha acesso aos tipos de informações que nos permitam fazer um julgamento abalizado. O presidente Bush está passando várias horas ao telefone com o Presidente Putin, e podemos imaginar que ele esteja conseguindo dados sobre a situação afegã. Mais ainda, informações secretas da inteligência militar, movimentos de tropas, poderio militar etc. Qualquer decisão que tomássemos aqui seria terrivelmente ignorante. Eu estou preocupado, porém, com a situação extremamente confusa e infindável de ações militares ineficazes. Espero que gente como Colin Powell certifique-se de que qualquer ação militar se enquadre em sua própria doutrina de ação rápida e efetiva ou decida-se por não empreender nenhuma ação."

"Talvez possamos resumir da seguinte forma", sugeriu Morin. "Estabelecemos nossa convicção de que: (1) como último recurso, a ação militar para desalojar os terroristas seria moralmente justificada neste caso; (2) se estrategicamente factível, também atenderia às necessidades de todos os memes, exceto o verde – embora cada meme, seguindo seus próprios valores, daria uma razão diferente para a retaliação, o que é natural. Neste caso particular, a ação militar efetiva como último recurso estaria em consonância com uma abordagem integral. Todos concordam?"

Todos acenaram que sim. "Entretanto, sempre esperamos" – Joan dirigiu-se aos presentes – "que nunca tenhamos de chegar a esse ponto. Existem formas mais naturais de cumprirmos nosso dever e lembrarmo-nos de Deus."

"E não devemos nos esquecer da situação global aqui." Fuentes olhou para todos na sala; ela parecia meio brava. "As causas para o terrorismo são AQAL – isto é, só conseguiremos entender as causas do terrorismo assumindo uma abordagem 'todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas' para a situação completa, aqui e no exterior, porque um número enorme de fatores, um número maciço de fatores – em todos os quadrantes, níveis e linhas – juntaram-se para criar o problema. Uma solução simplista – bombardear tudo do seu Quadrante Inferior Direito e congelar suas contas bancárias do Quadrante Inferior Direito – é tão fragmentada e idiota quanto se possa pensar. Não é a ação militar que me aborrece, mas a natureza ridiculamente fragmentada e parcial da compreensão do que produziu esse ataque e que acha que uma ação militar resolverá tudo para sempre."

"A globalização – significando, no caso, capitalismo desenfreado, com especulação de mercado, foco no lucro, domínio de grandes grupos – é, em parte, culpada pelo terrorismo. Nós não criamos a pobreza ou as terríveis condições dos Terceiro e Quarto Mundos, como alguns gostariam de nos imputar rancorosamente; mas nossas ações contribuíram para isso, ainda que inconscientemente (às vezes, ai!, premeditadamente)."

"Osama bin Laden é uma máquina projetada e construída pela CIA para lutar em sua guerra contra os soviéticos no Afeganistão, abastecida por um comércio de ópio/heroína patrocinado em parte pela CIA, que à época produzia um terço da produção total mundial de drogas ilegais, com grande parte do seu lucro canalizado para os Mujahedins combaterem nas guerras da CIA. Bem, aqueles galos voltaram à casa para se empoleirar, não é mesmo?"

"Algumas dessas coisas explicam, embora não justifiquem, os atos terroristas. Meu ponto é simplesmente que a situação AQAL – ou numerosos fatores nos quadrantes e níveis ao redor do

mundo – continuará a produzir mais bin Ladens até que esse conjunto de fatos integrais seja explicitado em alguns de seus principais pontos e organicamente recomposto. Talvez fôssemos capazes de exterminar esses terroristas específicos, *mas não podemos destruir as ondas de desenvolvimento vermelha e azul*. E a menos que essas ondas possam crescer em uma situação AQAL que promova sua versão saudável em toda parte, esses tipos de ações terroristas serão apenas o começo de um século muito desagradável e policialesco. Observem o antraz pelo correio, gás sarin no metrô de Boston, bombas de varíola em Washington, plutônio na água potável de Los Angeles."

Apêndice

A Espiral do Desenvolvimento

(Excertos do livro *Psicologia Integral* de Ken Wilber)

Clare Graves foi um dos primeiros (juntamente com James Mark Baldwin, John Dewey e Abraham Maslow) a considerar um esquema desenvolvimentista e mostrar sua extraordinária aplicabilidade em uma ampla gama de atividades, em negócios, no governo, em educação.

O trabalho de Graves foi retomado e ampliado significativamente por Don Beck. *Spiral Dynamics*, escrito com seu colega Christopher Cowan (eles fundaram o *National Values Center*), é uma magistral aplicação de princípios desenvolvimentistas em geral (e de princípios de Graves em particular) para um vasto leque de problemas socioculturais. Longe de serem analistas de escritório, Beck e Cowan participaram das discussões que culminaram com o fim do *apartheid* na África do Sul (e depois prosseguiram, usando os mesmos princípios, montando a estratégia de "corações e mentes" da equipe de *rugby* sul-africana, que venceu a Copa do Mundo de 1995). Os princípios da Espiral do Desenvolvimento foram aplicados frutiferamente para reorganizar negócios, revitalizar comunidades, reformar sistemas educacionais e apagar o estopim de tensões internas em cidades.

A situação na África do Sul é um excelente exemplo de como o conceito de níveis de desenvolvimento (cada um com sua própria visão-de-mundo, valores e necessidades) pode realmente reduzir, e mesmo suavizar, tensões sociais, e não exacerbá-las. A Espiral do Desenvolvimento vê o desenvolvimento humano segundo oito níveis de consciência ou estruturas profundas: *instintivo* (urobórico), *animista/tribal* (tifônico-mágico), *deuses de poder* (mágico-mítico), *absolutista/religioso* (mítico), *individualista/conquistador* (racional-egoico), *relativista* (visão-lógica inferior), *sistemático/integrativo* (visão-lógica média) e *global/holístico* (visão-lógica superior) [29]. Não são níveis rígidos, mas ondas fluidas que se sobrepõem e se interconectam, resultando em uma teia ou espiral dinâmica do desdobramento da consciência.

A abordagem liberal típica para dissolver tensões sociais é tratar igualmente todos os valores e depois tentar forçar um nivelamento ou redistribuição de recursos (dinheiro, direitos, mercadorias, terras), ao mesmo tempo em que deixa os valores intocados. A abordagem conservadora típica é considerar seus valores particulares e tentar impingi-los a todo mundo. A abordagem desenvolvimentista é reconhecer que há muitos valores e visões-de-mundo diferentes; que uns são mais complexos que outros; que muitos problemas de um estágio de desenvolvimento só podem ser minorados pela evolução para um nível mais elevado; e que somente reconhecendo e facilitando essa evolução poderá alcançar-se, finalmente, a justiça social. Mais ainda, reconhecendo que todas as pessoas possuem todos esses níveis potencialmente disponíveis, as linhas de tensão social são redesenhadas: não em termos de cor da pele, classe econômica ou ideologia política, mas sim no *tipo* de visão-de-mundo no qual a pessoa, grupo de pessoas, clã, tribo, negócio, governo, sistema educacional ou nação está operando. Como ressaltado por Beck, "o foco não é em tipos *de* pessoas, mas em tipos *nas* pessoas". Isto tira a cor da pele do jogo e focaliza alguns dos verdadeiros fatores

[29] Os termos entre parênteses são usados por Wilber. Vide, por exemplo, *Éden: Queda ou Ascensão?* e *O Projeto Atman*. (N.T.)

subjacentes (valores e visões-de-mundo) que geram as tensões sociais; foi exatamente essa abordagem que ajudou a desmantelar o *apartheid* na África do Sul.

Beck e Cowan usam vários nomes e cores [30] para se referir a esses diferentes oito níveis do ser. Mas estes não são simplesmente fases que passam, no desdobramento do eu; são capacidades e estratégias de atuação permanentemente disponíveis que, uma vez emersas, são ativadas conforme as condições de vida apropriadas (*e.g.*, instintos de sobrevivência podem ser ativados em situações de perigo; capacidades de ligação são ativadas em relacionamentos humanos íntimos, e assim por diante).

Os seis primeiros níveis são "níveis de subsistência" marcados pelo "pensamento de primeira camada" [31]. A partir daí, ocorre uma guinada revolucionária na consciência: a emergência dos "níveis do ser" e do "pensamento de segunda camada" [32]. A seguir, uma breve descrição das oito ondas, a percentagem da população mundial em cada onda e a percentagem de poder social que cada uma detém [33].

Níveis de Subsistência (Pensamento de Primeira Camada)

1. Bege: Arcaico-Instintivo [34]

Nível básico de sobrevivência; alimento, água, aquecimento, sexo e segurança são prioritários. Usa hábitos e instintos apenas para sobreviver. A individualidade está no início do despertar e quase não se sustenta. Reúnem-se em *bandos de sobrevivência* para perpetuar a vida.

Onde é encontrado: primeiras sociedades humanas, recém-nascidos, pessoas senis, pessoas em estágio avançado do mal de Alzheimer, moradores de rua mentalmente doentes, massas famintas, pessoas com traumas de guerra.

0,1% da população mundial adulta. 0% de poder [35].

---

[30] As cores foram escolhidas de acordo com características pertinentes aos níveis. À medida que forem aparecendo, será informada a razão de sua escolha. (N.T.)

[31] No pensamento de primeira camada, cada nível acha que é o único verdadeiro, que os demais níveis devem ser combatidos e seus seguidores, convencidos das suas "verdades superiores" (proselitismo). (N.T.)

[32] O pensamento de segunda camada reconhece e respeita todos os níveis da espiral. "A Diretriz Fundamental é a saúde da espiral completa e não o tratamento preferencial para algum nível específico." (N.T.)

[33] Em notas de rodapé serão apresentados paralelos entre os níveis de Beck e Cowan e as fases de desenvolvimento do ser humano descritas pelo místico cristão contemporâneo Jim Marion no livro *Putting on the mind of Christ*. Jim Marion (J.M.) segue a estrutura básica da obra de Ken Wilber. (N.T.)

[34] A cor bege lembra as savanas africanas. (N.T.)

[35] A consciência arcaica dos bebês se desenvolve através de dois marcos espirituais essenciais: primeiro, a diferenciação entre o seu próprio corpo e o da mãe; segundo, a posterior diferenciação entre as suas emoções e as da mãe. Princípios espirituais críticos podem ser inferidos dessas duas passagens, princípios que serão aplicados ao longo de todo o caminho espiritual. Por exemplo, cada nível de consciência será menos egocêntrico que o anterior e cada novo nível permitirá que a mente da pessoa fique mais livre da matéria. (J.M.)

2. Roxo: Mágico-Animista [36]

O pensamento é animista; espíritos mágicos, bons e maus, fervilham pela Terra trazendo bênçãos, maldições e encantamentos que determinam os acontecimentos. Reúnem-se em *tribos étnicas*. Os espíritos existem nos antepassados e aglutinam a tribo. Parentesco e linhagem estabelecem os vínculos políticos. Aparenta ser "holístico", mas na verdade é atomístico: "Há um nome para cada curva do rio, mas nenhum nome para o rio."

Onde é encontrado: crença em maldições do tipo vodu, juramentos de sangue, ressentimentos antigos, feitiços de boa-sorte, rituais de família, superstições e crenças étnicas mágicas. Forte em comunidades do terceiro-mundo, gangues, equipes esportivas e "tribos" corporativas.

10% da população mundial. 1% de poder [37].

3. Vermelho: Deuses de Poder [38]

Primeira emergência do eu distinto da tribo; poderoso, impulsivo, egocêntrico, heroico. Espíritos mágico-míticos, dragões, feras e gente poderosa. Deuses e deusas arquetípicos, seres poderosos, forças com que se pode contar, tanto boas quanto más. Senhores feudais protegem os servos em troca de obediência e trabalho. A base dos *impérios feudais* – poder e glória. O mundo é uma selva cheia de ameaças e de predadores. Conquista, engana e domina; aproveita ao máximo, sem desculpa ou remorso.

Onde é encontrado: *"Terrible twos"* [39]*,* juventude rebelde, mentalidades *borderline*, reinos feudais, heróis épicos, vilões de James Bond, líderes de gangues, soldados mercenários, narcisismo *new-age*, astros de *rock* pesado, Átila o Huno, *"Lord of the Flies"* [40].

20% da população mundial. 5% de poder.

4. Azul: Regra Conformista [41]

A vida tem significado, direção e propósito, com eventos determinados por um todo-poderoso Outro ou Ordem. Esta Ordem justa impõe um código de conduta baseado em princípios absolutos e invariáveis de "certo" e "errado". A violação do código ou das regras apresenta

---

[36] O roxo é a cor dos chefes tribais e dos monarcas. (N.T.)

[37] A consciência mágica é o nível de consciência da criança entre dois e sete anos. O pensamento mágico típico desse nível inclui o mundo "politeísta" de deuses, demônios, fadas e outras criaturas que habitam seu mundo interior. Nesta fase, ela normalmente não é capaz de distinguir entre o conteúdo da sua mente e o mundo exterior. A criança ainda é egocêntrica e acredita que o mundo gira em torno dela. (J.M.)

[38] O vermelho lembra as emoções de sangue quente e o "fogo nos seus olhos". (N.T.)

[39] "Os Terríveis Dois" – expressão cunhada por Margareth Mahler para "os dois anos da criança", quando ela começa a formar sua personalidade. (N.T.)

[40] *O Senhor das Moscas.* Provocante romance de William Golding escrito em 1954. O livro descreve em detalhe as horripilantes explorações de um bando de crianças que passam por uma impressionante transição da civilização para a barbárie. Apresenta uma visão pessimista, pretendendo demonstrar que o homem está inerentemente ligado à sociedade e, fora dela, muito provavelmente retornaria à selvageria. (N.T.)

[41] O azul representa o céu, o paraíso, o crente. (N.T.)

severas, e talvez permanentes, repercussões. A obediência ao código gera recompensas para os fiéis. Base das *nações antigas*. Hierarquias sociais rígidas; paternalista; um, e apenas um, modo correto de pensar sobre tudo. Lei e ordem; impulsividade controlada através da culpa; crença concreto-literal e fundamentalista; obediência à regra da Ordem. Frequentemente, a Ordem ou Missão é "religiosa" [no sentido da associação-mítica; Graves e Beck referem-se a isto como o nível "santo/absolutista"], mas pode ser secular ou ateia.

Onde é encontrado: América Puritana, China Confucionista, Inglaterra Dickensiana, disciplina de Singapura, códigos de cavalheirismo e de honra, boas-ações caridosas, Fundamentalismo Islâmico, Escoteiros e Bandeirantes, "maioria moralista", patriotismo.

40% da população mundial. 30% de poder [42].

5. Laranja: Realização Científica [43]

Neste nível, o eu "liberta-se" da "mentalidade de rebanho" do nível azul e procura a verdade e o significado em termos individualistas – hipotético-dedutivos, experimentais, objetivos, mecanicistas, operacionais – "científicos" no sentido típico. O mundo é uma máquina racional bem lubrificada com leis naturais que podem ser aprendidas, controladas e manipuladas visando a interesses próprios. Altamente orientado para a conquista de objetivos; na América, especialmente para ganhos materiais. As leis da ciência regulam a política, a economia e os acontecimentos humanos. O mundo é um tabuleiro de xadrez no qual partidas são jogadas e os vencedores conquistam superioridade e privilégios em detrimento dos perdedores. Alianças de mercado; manipulação dos recursos naturais visando a ganhos estratégicos. Base dos *estados corporativos.*

Onde é encontrado: O Iluminismo, *Atlas Shrugged* [44] de Ayn Rand, Wall Street, a Riviera, classe média emergente em todo o mundo, indústria de cosméticos, caça de troféus, colonialismo, a Guerra Fria, indústria da moda, materialismo, autointeresse liberal.

30% da população mundial. 50% de poder [45].

---

[42] Jim Marion colapsa os níveis vermelho e azul no nível da consciência mítica: "A consciência mítica é o nível de consciência da criança dos sete anos até a adolescência; é o primeiro dos níveis mentais. É a emersão da mente ou ego na consciência da criança. Neste nível, ela acredita que 'Deus no Céu', tanto quanto seus pais, pode realizar qualquer tipo de milagre para atender a seus anseios. É um nível conformista, de lei e ordem no qual tudo no mundo provinciano da criança é visto como o 'verdadeiro' e o 'melhor'. A criança aprende a definir-se através de regras e papéis convencionais e sente-se valorizada por seguir essas 'leis' e comportar-se adequadamente. Até pouco tempo, o nível mítico de consciência era o nível dominante em todas as religiões 'universais', inclusive no Cristianismo." (N.T.)

[43] A cor laranja representa a energia radiante do aço em uma fornalha industrial. (N.T.)

[44] *A Revolta de Atlas.* Romance publicado em 1957. Trata da impressionante história de um homem que diz que pararia o motor do mundo – e o faz. De acordo com pesquisa conjunta da Biblioteca do Congresso e do Clube do Livro, foi considerado o mais influente livro nos EUA, após a Bíblia. (N.T.)

[45] A consciência racional, o segundo nível mental, é a consciência dominante da época atual e o nível de consciência mais ou menos alcançado pelo adulto médio da sociedade contemporânea. No mundo de hoje, a passagem da consciência mítica para a racional é a principal tarefa espiritual da adolescência. Os adolescentes encontram sérias dificuldades quando suas denominações cristãs não compreendem essa passagem e, às vezes, tentam mantê-los no nível mítico de compreensão. Há diversos caminhos para auxiliar os jovens a navegar por essa passagem espiritual; por exemplo, ensinando-lhes uma técnica de meditação científica e dando-lhes orientações para prece. (J.M.)

6. Verde: O Eu Sensível [46]

Comunitário, vínculo humano, sensibilidade ecológica, operação em rede. O espírito humano deve livrar-se da ganância, dos dogmas, das divergências; sentimentos e cuidados substituem a fria racionalidade; acalentar a Terra, Gaia, a vida. Contra hierarquias; estabelece ligações laterais. Eu permeável, eu relacional, inter-relacionamento de grupos. Ênfase no diálogo e nos relacionamentos. Base das *comunidades coletivas* (isto é, afiliações, baseadas em sentimentos comuns, escolhidas livremente). Decide através da reconciliação e do consenso (lado negativo: "processamento" interminável e incapacidade de chegar a decisões). Renova a espiritualidade, cria harmonia, enriquece o potencial humano. Fortemente igualitário, anti-hierárquico, valores pluralistas, construção social da realidade, diversidade, multiculturalismo, sistemas relativos de valores; esta visão-de-mundo é frequentemente denominada de *relativismo pluralista*. Pensamento subjetivo, não-linear; mostra um alto grau de calor humano, sensibilidade e cuidado pela Terra e por todos os seus habitantes.

Onde é encontrado: ecologia profunda, pós-modernismo, idealismo holandês, aconselhamento rogeriano, sistema de saúde canadense, psicologia humanística, teologia da libertação, Conselho Mundial de Igrejas, Greenpeace, direitos dos animais, ecofeminismo, pós-colonialismo, Foucault/Derrida, o politicamente correto, movimentos de diversidade, assuntos de direitos humanos, ecopsicologia.

10% da população mundial. 15% de poder.

Níveis do Ser (Pensamento de Segunda Camada)

7. Amarelo: Integrativo [47]

A vida é um caleidoscópio de hierarquias naturais (holarquias [48]), sistemas e formas. Flexibilidade, espontaneidade e funcionalidade têm a máxima prioridade. Diferenças e pluralidades podem ser integradas em fluxos naturais interdependentes. Igualdade é complementada por graus naturais de excelência, quando apropriado. Conhecimento e competência devem substituir posição, poder, status ou grupo. A ordem mundial prevalecente é resultado de diferentes níveis de realidade e dos inevitáveis padrões de movimento para cima e para baixo na espiral do desenvolvimento. Boa autoridade facilita a emergência de entidades através dos níveis de crescente complexidade (hierarquia nidiforme).

---

[46] O verde representa as florestas, a consciência ecológica, a política dos verdes. (N.T.)

[47] O amarelo representa a energia solar e as tecnologias alternativas. (N.T.)

[48] Holarquia é uma hierarquia de hólons (hierarquia natural de crescimento, diferentemente de uma hierarquia humana de poder). Hólons são totalidades em um nível e partes em um nível superior. Como exemplo, consideremos a holarquia do corpo humano: ele é formado por sistemas, que são formados por órgãos, que são formados por tecidos, que são formados por células, que são formadas por moléculas, que são formadas por átomos, que são formados por partículas subatômicas, que são formadas por quarks, e assim por diante. Uma das características básicas de uma holarquia é que cada nível superior transcende, mas inclui os níveis inferiores. Assim, uma holarquia sinaliza a direção da evolução: moléculas contêm átomos, porém átomos não contêm moléculas. (N.T.)

8. Turquesa: Holístico [49]

Sistema holístico universal, hólons/ondas de energias integrativas; une sentimento e conhecimento [centauro]; múltiplos níveis interconectados em um sistema consciente. Ordem universal, mas em um modo vivo e consciente, não baseado em regras externas (azul) ou ligações de grupo (verde). É possível uma "grande unificação" em teoria e na prática. Algumas vezes envolve a emergência de uma nova espiritualidade como uma teia de toda a existência. O pensamento turquesa usa a espiral completa; vê múltiplos níveis de interação; detecta harmônicos, as forças místicas e os estados de fluxos que permeiam todas as organizações. ... A Diretriz Fundamental é a saúde da espiral completa e não o tratamento preferencial para algum nível específico.

Pensamento de segunda camada: 1% da população mundial. 5% de poder [50].

Onde é encontrado: com apenas 1% da população no pensamento de segunda camada (e somente 0,1% no nível turquesa), a consciência de segunda camada é relativamente rara, sendo, atualmente, a "ponta de lança" da evolução coletiva da humanidade. Como exemplos, Beck e Cowan mencionam itens como a noosfera de Teilhard de Chardin e o crescimento da psicologia transpessoal, com aumentos na frequência definitivamente ocorrendo – e até mesmo níveis mais elevados em futuro próximo... [51]

[49] Turquesa é a cor dos oceanos e da Terra, quando vistos do espaço. (N.T.)

[50] Aqui, mais uma vez, Jim Marion colapsa os níveis verde, amarelo e turquesa (na classificação de Ken Wilber: visão-lógica inferior, visão-lógica média e visão-lógica superior, respectivamente): "A consciência visão-lógica é o mais alto dos três níveis mentais de consciência. É encontrado em grandes artistas, escritores, financistas internacionais, cientistas e filósofos. As principais características da visão-lógica são a identificação do eu com a mente abstrata e a capacidade de pensar através de muitas perspectivas diferentes. A consciência visão-lógica é global no interesse e preocupação por outras pessoas. É capaz de abraçar problemas globais que nenhuma nação ou sociedade tem capacidade para resolver. Por outro lado, a visão-lógica também apresenta seu lado negativo na forma de considerável angústia interior. Cada vez mais, as lideranças de muitos campos estão se movendo para este nível. Entretanto, este movimento social é visto como ameaçador e sofre a oposição de muitos cristãos (fundamentalistas de todas as denominações) cuja consciência ainda se mantém no nível mítico [vermelho e azul]." (N.T.)

[51] Beck e Cowan param no último nível pessoal. Entretanto, aceitam o fato de que haja níveis transpessoais (pensamento de terceira camada). (N.T.)